



DEPÓSITO LEGAL

OUT 1945



**MADALENA SOTTO, A MENINA
BONITA DA FIGUEIRA**

**MUNDO
GRÁFICO**



Estas fotografias poderiam, todas, subordinar-se ao título «Antes e depois». Os «grandes homens», os «super-homens» eram, afinal, menos homens que todos os homens. Olhem, leitores, para este Goering, quando «cegava» os cegos com o seu bastão de marechal e, depois quando a Alemanha foi derrotada



E o dr. Ley? Hein? Arrogante, invencível. Depois... A fotografia diz tudo..

25 ANOS DE JUVENTUDE HITLERIANA

por JOHN AUDRIE

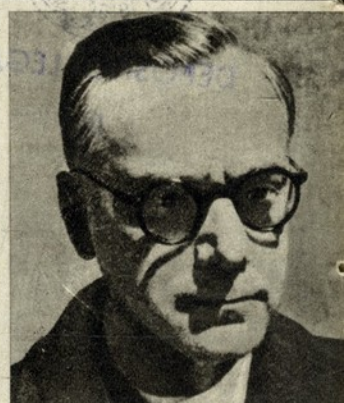
(condensado de «The Justice of the Peace», England)

Se os aliados tentarem dedicar-se à reeducação da juventude alemã, querirá dizer que deverão passar em claro, por irredimíveis, os homens e as mulheres alemãs? Estes homens e estas mulheres eram rapazes e raparigas de treze anos quando se formou a Juventude Hitleriana, em 1920. Têm, agora, perto de quarenta anos.

Percorri a Alemanha quase toda, estudei numa das suas Universidades, acompanhei grandes grupos de estudantes em viagens de estudo, quando era necessário entrar em contacto com a Juventude Hitleriana e com ela trocar idéias, e creio poder dizer que tenho algum conhecimento do carácter alemão. Lembro-me de vaguear pelas aldeias pitorescas da Renânia e de ser apolhido, em 1920, por rapazes entusiásticos das escolas alemãs, que me mostravam, com orgulho, o seu cartão de sócios da Juventude Hitleriana. A vida da família vinha a morrer rapidamente. O *Gebietsführer* «Chefe Distrital» era a lei e, se os pais dos rapazes se mostrassem recalcitrantes, os «arrebentas» da S. A. depressa os traziam à «regra do bom viver».

A medida que as crianças iam crescendo, iam-se submetendo de boa vontade aos sacrifícios impostos pelo Partido. Adoravam Hitler. As sedes locais do movimento olhavam por isso. Indicava-se aos rapazes e às raparigas a idéia de que eram perseguidos. A educação era diabólica, sistemática e completa. Dez ou mais

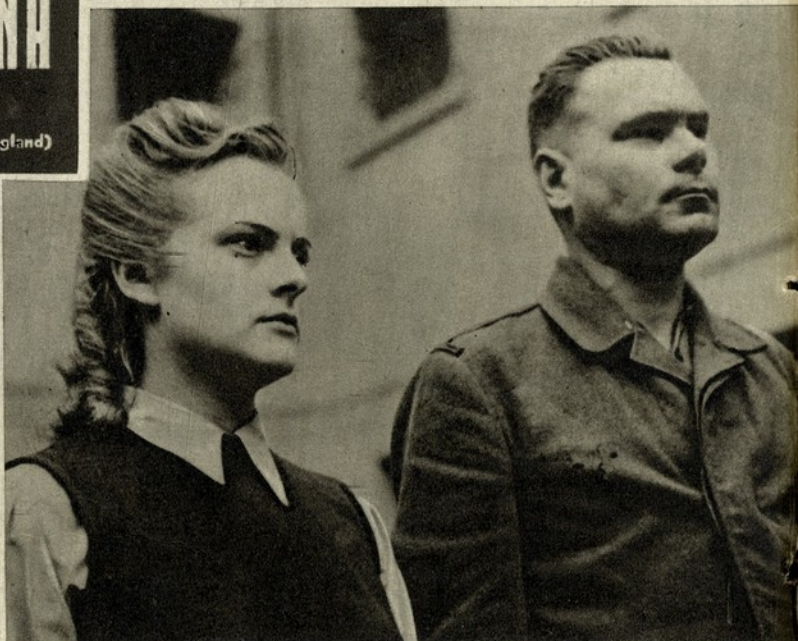
(Continua na pág. 29)



E Rosenberg, o filósofo, o «pai do nazismo», o intelectual do nacional-socialismo germânico? Na hora da derrocada, foi como todos os outros, que desejavam ser os «senhores do mundo»



Streicher, o gauleiter de Nuremberg, era assim, feroz, implacável, tirano. Quando as forças americanas o encontraram, tinha uma barba de mendigo, miseravelmente, submisso



Vejam-nos: estes mandavam no campo de concentração de Belsen. Ela é Irma Grese e ele — o monstro! — Joseph Kramer. Foram estes os exemplares de super-homens que o nazismo criou

UMA MENTIRA



Foi assim que a formidável frota aérea das Nações Unidas, bombardeando, sistematicamente, os pontos vitais, obrigou o Japão a render-se

PARA EXPLORAR O POVO DA ÁSIA

O anunciado Jim da esfera de prosperidade comum japonesa na Grande Ásia Oriental divergiu segundo o auditório. Tóquio declarou ao mundo: «o nosso país esforça-se pela consecução de mútua prosperidade e existência, libertando diversos povos asiáticos da tutela da América e da Inglaterra».

O Governo japonês declarou claramente ao seu próprio povo que os países ocupados devem servir o conquistador: «é imperativo que todas as medidas para a própria existência do Japão sejam tomadas resolutamente. A demasiada consideração mostrada para com as populações deve gerar-se nesta tendência dos espíritos a-fim-de se entrar como a bondade do Japão com efeitos perniciosos sobre as leis nipónicas».

Os povos da Ásia e do Pacífico não se deixaram convencer com as promessas japonesas e os esforços do Japão ao pôr em prática os seus planos de mútua prosperidade encontraram, por vezes, uma oposição subtil, mas constante.

As condições da esfera de prosperidade comum na Grande Ásia Oriental surgiram, pela primeira vez, nas publicações japonesas durante o terceiro ou quarto ano de guerra não declarada à China. A princípio, a administração de cada território recentemente conquistado estava a cargo de uma repartição independente, organizada para esse fim.

Com o rápido avanço das forças nipónicas no Pacífico Sul, o governo viu-se forçado a criar o Ministério da Grande Ásia Oriental para se ocupar da sua administração. Sob a sua jurisdição, a maior, territorialmente falando, encontravam-se: a Manchúria ocupada, a China, a Indochina, a Tailândia, as Índias Orientais Holandesas, as Filipinas, a Malaca e a Birmânia.

Os territórios dos quais o Japão se apoderou no princípio da sua história — a Coreia, a Formosa e o Karafuto (metade japonesa da ilha Sacalina) — permaneceram sob diversos ministérios.

Na Coreia, uma das primeiras das suas vítimas, o Japão criou métodos de conquista que com tanta frequência havia usado desde esta ocasião.

Pequenos actos de agressão

Ocupação por forças militares a qualquer pretexto, não retirando as suas tropas quando o perigo tinha passado; a infiltração política por «conselheiros»; a penetração económica por interesses comerciais nipónicos; tratados que facilitaram a ocupação japonesa, apenas para serem violados gradualmente; sociedades a expensas japonesas e a investitura de chefes fantoches num esforço para criar, tanto quanto possível, a aparência de colaboração voluntária; garantia pública de «independência»; exploração da luta interna de forma a estabelecer «protectorados»; confiscação dos recursos económicos para fortalecer a economia nipónica; construção de estabelecimentos militares e criação de guarnições de formações de formação para poderem ser usados como um trampolim para próximas conquistas — tal era o programa.

O sistema de fiscalização concentrada por intermédio de um «único» Partido político e a concentração do poder nas mãos de um só Quisling foram virtualmente aplicados em todos os casos.

A grandiosa promessa do Japão de dividir a Grande e mais próspera Ásia Oriental, redundou apenas na contribuição dos recursos das próprias vítimas para o engrandecimento do Japão, a que os nipónicos deram o nome de «reorganização das suas actividades económicas em pé de guerra».

(Continua na página seguinte)

LAMINAS "NACET"

Se emprega uma máquina de três furos, torná-la moderna se a utilizar com Láminas Nacet. Ao contrário das outras lâminas de preço reduzido, a Lámina Nacet é de qualidade uniforme — cada lâmina, de cada pacote dar-lhe-á uma notável série de barbas perfeitas — ao mais baixo preço possível para tanta eficiência

**"Lâminas
boas e baratas"**



75, RUA DA CONCEIÇÃO, 1.º, LISBOA

UMA MENTIRA

(Continuação da pág. anterior)

A ocupação pelo Japão traduziu-se na miséria económica e pessoal para milhões de pessoas. Na Manchúria, por exemplo, as exigências militares de matérias alimentícias fizeram-se sentir logo de início. Vieram assim as explorações para o Japão, depois algumas fábricas e minas, e, finalmente, o que tinha sido deixado para distribuição às cidades.

Os operários das indústrias de guerra essenciais recebiam alimentação suficiente enquanto os habitantes das cidades eram desprezados, prepositadamente, com o objectivo de os levar a transferirem-se para as aldeias.

Com os produtos do seu trabalho levados pelos japoneses, o povo carecia de muitas coisas indispensáveis à vida. Na Coreia, a produção de arroz duplicou entre 1912 e 1936, enquanto o consumo por pessoa desceu de 220 libras para 139 libras. Diminuiu 37% por motivo dos preços exorbitantes nos mercados controlados pelos japoneses, o que significava que os coreanos não podiam comer arroz, sendo, porém, forçados a vendê-lo, comprando alimentos por menor preço.

Aumentando a produção de guerra nos países ocupados, a exploração da mão de obra nipónica impôs grandes sacrifícios que iam quasi até à escuratura. A exploração militar da mão de obra na Manchúria iniciou-se em 1940, com a criação do «exército nacional manchú».

Em 1944, todos os «voluntários» entraram aos quinze anos, em vez de aos dezasseis, para o serviço japonês. Todos os reprovados para o Serviço Militar foram coagidos a ingressar nas brigadas de trabalho. Inclusive os agricultores tinham de auxiliar na construção de estradas militares sem remuneração; as mulheres manchus eram obrigadas a colaborar na abertura de estradas e a trabalharem nos campos de modo a substituírem os homens que eram recrutados para o trabalho nas fábricas.

A Manchúria é apenas um exemplo entre muitos outros. Os esforços dispendidos na fiscalização social de toda a esfera da Grande Ásia Oriental por meio da educação religiosa, vizavam um propósito duplo — a irradiação sistemática das linguas occidentais e todos os métodos da influência occidental, e por intermédio de doutrinação na ideologia política japonesa. O ensino da lingua japonesa substituiu o dos idiomas inglês e holandês nas escolas.

Nas Índias Neerlandesas, os nipónicos decretaram que as linguas occidentais não deveriam ser usadas mesmo em conversações telefónicas.

Fazendo tudo para tornarem os habitantes psicologicamente dependentes do Japão os sistemas escolares foram reorganizados; os compêndios reeditados e introduzidos em toda a parte a lingua, a literatura, a história e a cultura japonesa.

Enviaram-se milhares de instrutores japoneses para ensinar o idioma e prepararem os professores para o tipo japonês de educação. Segundo estudantes fugidos da China do Norte, a Universidade de Peiping era servida por instrutores japoneses, os estudantes eram convidados a envergarem uniformes de educandos nipónicos e muitos feriados chineses foram substituídos por feriados nacionais japoneses. A religião não era utilizada muito às claras para outros fins japoneses. A princípio, a política era de tolerância para com os costumes religiosos locais, mas os japoneses esforçaram-se, astutamente, por organizar diversas religiões dentro de grupos sujeitos ao domínio nipónico.

Até mesmo as artes foram utilizadas pela propaganda japonesa. A associação da Imprensa, as estações de rádio-difusão e os cinemas da Grande Ásia Oriental foram utilizados na difusão da história nipónica.

Criaram-se bibliotecas japonesas especiais. Os artistas japoneses foram enviados para «prestarem serviço no trabalho de informação e ocuparem-se da cooperação cultural nas diferentes áreas ocupadas».

Como parte do programa de supressão intelectual, os soldados revistaram todos os museus, bibliotecas e galerias de arte da Coreia, e transferiram os seus recheios para cidades japonesas. Uma das mais célebres e antigas bibliotecas no Extremo Oriente, a de Kiu Iang Kak, na Coreia, foi saqueada.

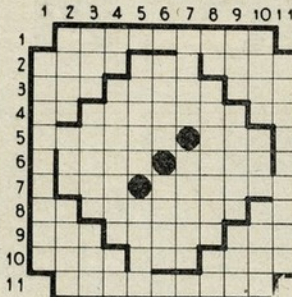
Num artigo publicado num trimestral americano, em Junho de 1944, e subordinado ao tema «Os problemas do Pacífico», Joel Berrendon resume todo o programa. As políticas e as práticas descritas indicam um plano de grande alcance para se substituírem as culturas dos nativos pelas culturas japonesas, as linguas dos nativos pela japonesa, e doutrinar os povos da Ásia ocupada com a ideologia japonesa...

Do mesmo modo se fizeram tentativas para reduzir os povos a posições de subserviência, para infestar os seus países com conselheiros políticos e económicos e explorar os seus recursos.

As declarações japonesas confirmam a conclusão de que o seu objectivo supremo não reside no regime de Justiça, Liberdade, e Igualdade entre os Estados soberanos, mas unicamente na construção do Império.

PALAVRAS CRUZADAS

VERTICAIS



PROBLEMA N.º 118

HORIZONTAIS

- 1 — Relativo ao dia do nascimento.
- 2 — Vaso para beber; divisível por dois; Arrosta com.
- 3 — Agora; Trono; Gemidos.
- 4 — Além; Toldado; Artigo (pl.).
- 5 — Rainha de Portugal, mulher de D. Afonso II, que jaz no mosteiro de Alcobaça; Cidade do Peru, à beira do rio do seu nome.
- 6 — Dá uivos; Aparelho para tecer.
- 7 — Naquêle lugar; Idiotas.
- 8 — Viração; Fino; Compaixão.
- 9 — Escalvada; Cidade da Itália, de que era duque o comandante-chefe das tropas italianas que foram derrotadas na Abissínia; Colorido.
- 10 — Vertigem; Cabo para rebocar barcos; De aspecto desagradável.
- 11 — Pequenos mastros suplementares, nos navios.

- 1 — Notável pintor português, autor de admiráveis telas, entre as quais «Camões e as Tágides».
- 2 — Engenho para tirar água dos poços; Caminho; Estregrado.
- 3 — Rio do Estado de Mato Grosso (Brasil), na fronteira do Paraguai; Gorgele; Altar.
- 4 — Potec; Abrande; Campião.
- 5 — Suj; Célebre médico inglês, autor de trabalhos notáveis sobre a doença das vértebras lombares, a que deu o seu nome.
- 6 — Rio que nasce na Serra da Estrela, banha Coja e desagua no Mondego; Estêdo.
- 7 — Dirizir-se-lhe; Espécie de pastelão.
- 8 — Aqui; Rancoroso; Crença.
- 9 — Cólera; Cumpr; Atmosfera.
- 10 — Repouse; Argolo; Algarismo.
- 11 — Adjunta.



So ução do problema n.º 116

HERPETOL

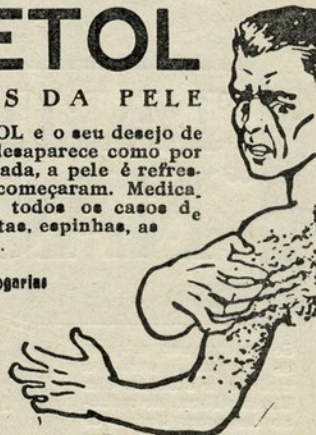
PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicação por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, as rupções ou ardência na pele.

É vendido em 180ms nas farmácias e drograrias

Vicente Ribeiro & Carvalho
da Fonseca, Limitada

RUA DA PRATA, 237
LISBOA



AO SOL
sem
queimaduras
só com

Bronzisol

protege
e
bronzeia a pele

ACADEMIA CIENTIFICA DE BELEZA
AV. DA LIBERDADE, 35 - LISBOA - TEL. 21866

REFLEXOS DO MUNDO



Eles e elas podem admirar agora, em todo o seu pitoresco, as cidades do Norte de África

Horácio Zino

Assumiu as funções de adido de imprensa à Embaixada Britânica o sr. Horácio Zino, que estava exercendo o lugar de adjunto. Trata-se de um bom e simpático inglês, que domina, perfeitamente, a nossa língua, e cujo carácter e inteligência lhe conquistaram largas e merecidas simpatias. Sinceramente, felicitamos Horácio Zino pelo novo cargo, que é, afinal, ampliação do anterior, onde realizou uma fecunda obra de entendimento luso-britânico, deixando excelentes recordações. Agora, neste novo exercício — the right man in the right place — Horácio Zino prosseguirá na sua simpática tarefa, encontrando em todos os seus amigos, entre os quais nos contamos, o mais franco e decidido apoio.

A psico-grafologia

Muitas das grandes empresas, actualmente trabalhando no fabrico de munições, têm um psico-grafologista. A sua tarefa é fazer um diagnóstico psicológico do indivíduo pela escrita, de modo a poderem distribuir, convenientemente, o pessoal pelos serviços que melhor lhes forem adequados.

Olhando de relance para a assinatura de qualquer, eles podem dizer a espécie de carácter que tem: se é cuidadoso ou desma-zado; se tímido ou não iniciatíva; se é impaciente ou calmo.

Pela escrita, conseguem construir a psicologia de qualquer com alarmante veracidade e podem dizer se ruine as qualidades necessárias para desempenhar este ou aquele serviço.

A escrita à mão é assim tão reveladora por ser um acto inconsciente. A formação individual das letras e a sua junção para formar palavras tornou-se de tal maneira um hábito que perdemos por completo o nosso controle na sua execução.

(Weekly Telegraph)

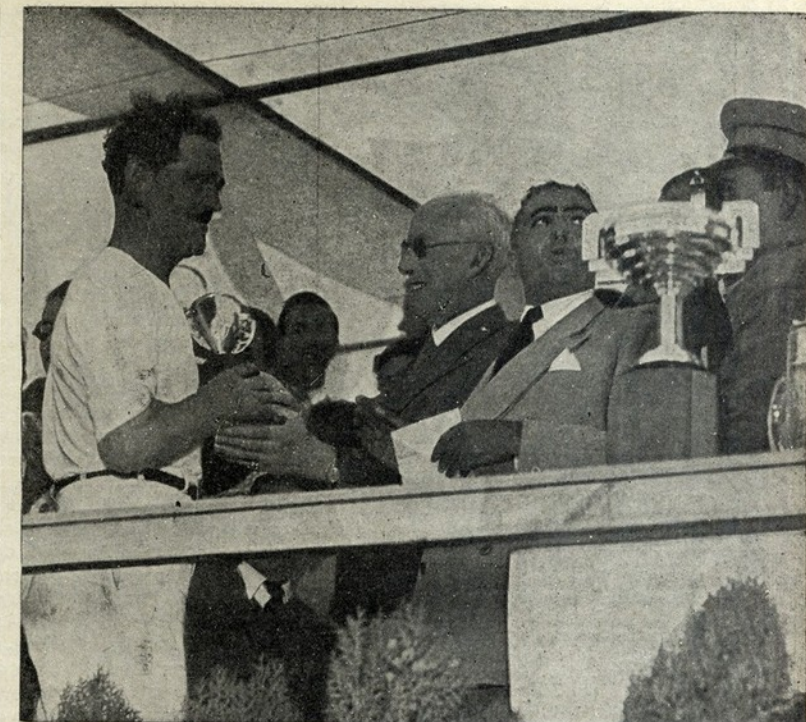
Horas certas

Um jovem tenente, que acabara de ser nomeado director de um observatório meteorológico de uma das escolas da aviação do exército, notou que o telefone da sua secretária particular tocava todas as manhãs, aproximadamente ao meio dia menos um quarto. Ela levantava e auscultador, olhava para o relógio pendurado na parede, dizia as horas e desligava.

Intrigado, perguntou-lhe um dia quem fazia a chamada. — Não sei. Nunca pensei em indagar. Perguntam-me as horas e eu digo.

Sendo uma daquelas pessoas que gostava de saber os porquês das coisas, o tenente deu ordem para que se averiguasse, no dia seguinte, de quem se tratava.

Interrogado o desconhecido, a



★ A FESTA DOS PESCADORES ★

Teve grandiosidade a Festa dos Pescadores de Sesimbra que o «Século» organizou na linda e laboriosa vila. O sr. embaixador de Inglaterra assistiu e vê-se neste momento, junto do sr. Carlos Alberto Pereira da Rosa, membro do Conselho de Administração daquele jornal, distribuindo os prémios aos vencedores das provas náuticas que ali se realizaram

secretária informou o tenente: E' do posto dos bombeiros. Querem saber a hora certa para tocar a sireia ao meio dia.

— E como sabe você que o nosso relógio está certo?

— Não sei. Até hoje acertei-o sempre pela sirene dos bombeiros.

(Neccano Magazine)

O mundo de amanhã

Esta guerra demonstrou que há alguns trabalhos que o homem não pode desempenhar tão

bem como a mulher. Até hoje, certas carreiras têm sido virtualmente destinadas aos homens, simplesmente por serem homens, mas a guerra destruiu muitos destes preconceitos e é para desejar que os direitos que o homem guardou tão cuidadosamente não sejam perdidos com a vinda da paz.

Agora, que se provou que um homem pode pelar uma batata tão bem como qualquer dona de casa, não há razão para que este modo de vida não venha a ser uma carreira para os homens. Certamente, não tem remuneração muito grande nem tão pouco grande acesso mas, no entanto, para os de talento oferecerá rendimentos certos.

(New Yorker)

A V2 de há cem anos

Num *Glasgow Herald*, de há cem anos, vem uma notícia referente a uma nova arma, feita por um pirotécnico belga. Era construída desta maneira:

A cabeça, de um aço muito forte, escavada, continha um

quilo de fulminato de mercúrio, no qual colocava a carga usual do foguete. O corpo tinha o dobro do comprimento dos foguetes ordinários.

Descarregava o seu projectil de um tubo, que colocava na vigia de um barco, ao nível da água, de maneira que, ao sair,



Renderam-se em massa. São soldados japoneses, que se entregam, numa ilha do Pacífico

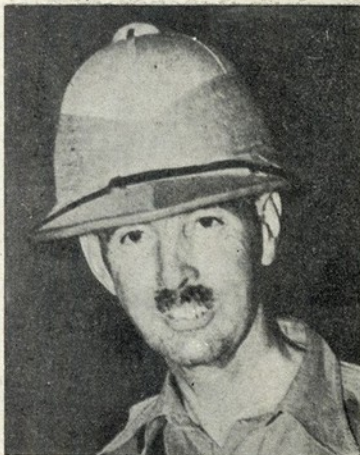
deslizava sobre as ondas que em parte suportavam o seu peso, dirigia-se ao navio inimigo e rebentava fazendo enorme buraco no costado. O raio de acção deste projectil era de três a quatro milhas.

Esta precoce V2 parece ser uma combinação do torpedo e do foguetão.

(Glasgow Herald)



Regresso à vida. Os «week-end» voltam a ter o mesmo valor de saudável alegria de antes da guerra



GENERAL PERCIVAL ★

ENTRE as personalidades militares que assistiram ao acto de rendição incondicional do Japão, contava-se o general Percival, o heróico defensor da Malásia e de Singapura. A onda nipónica desencadeada em 7 de Dezembro de 1941 submergiu rapidamente as defesas britânicas, insuficientemente preparadas e, em 14 de Fevereiro de 1943, o general japonês Yamashita, que os seus subordinados haviam cognominado «tigre da Malásia» aceitava a rendição da grande fortaleza do Extremo Oriente.

O general Percival foi feito prisioneiro, conservando-se durante três anos e sete meses em poder do inimigo. A sua libertação coincidiu, agora, com a libertação de todos os territórios britânicos da Ásia e do Pacífico e com a vitória total dos Aliados no Extremo Oriente. Com ele, encontrava-se um outro herói das horas incertas da ofensiva nipónica, o general Wainright, defensor da fortaleza do Corregidor, nas Filipinas.

Por uma coincidência curiosa, foi precisamente o general Yamashita que, depois de algumas hesitações, se decidiu a assinar a rendição de todas as forças do seu comando. Embora inicialmente lhe houvessem atribuído a intenção de não acatar a ordem do Imperador para se render, Yamashita, quando foi convidado a fazê-lo, não ofereceu qualquer resistência. O «tigre da Malásia», que ainda há pouco anunciara que a presença de Mac Arthur nas Filipinas era extremamente vantajosa, pois permitiria dar-lhe combate, acabou por ser vencido e obrigado a aceitar uma capitulação que, dado o seu temperamento e considerados os seus antecedentes, deve ser particularmente penosa. O fim da guerra no Extremo Oriente ofereceu, entre outros, este aspecto de reabilitação pessoal que deu, de novo celebridade ao general Percival.

CRÓNICA INTERNACIONAL

2 DE SETEMBRO O DIA DA VITÓRIA FINAL

NO dia 2 de Setembro de 1945 foi assinado, a bordo do «Missouri», o documento histórico que consagrou a rendição incondicional do Império japonês. Esse documento foi assinado em nome das Nações Unidas pelo general Mac Arthur, em nome da Grã-Bretanha pelo almirante Bruce Fraser, comandante das forças navais britânicas no Pacífico, e, em nome dos Estados Unidos, pelo almirante Chester Nimitz. Em nome do Imperador do Japão assinaram, além dos representantes do Estado Maior, o ministro dos Negócios Estrangeiros nipónico, Mamoru Shigemitsu. Com a realização deste acto terminou a segunda conflagração mundial a qual durou, exactamente, seis anos pois se iniciou em 1 de Setembro de 1939 com a entrada das tropas alemãs em território polaco.

O Japão foi, como os seus aliados europeus do Eixo, vítima dum orgulho ilimitado e das tendências imperialistas.

Dois anos antes de Pearl Harbour, os chefes militares japoneses tinham prevenido o seu povo de que ele devia preparar-se para supostar sofrimentos e privações sem precedentes, prometendo-lhe, em troca, que «dentro de dez anos, o Japão seria a nação mais poderosa do mundo». Esta linguagem não diferia sensivelmente daquela que, nas vésperas de se desencadear o conflito na Europa, vimos empregada pelos dirigentes nazis no Terceiro Reich. No caso do Japão ela revestia-se dum significado real e efectivo quando servia para interpretar a vontade tenaz dos dirigentes das forças militares daquele país.

No Japão, o exército e a armada eram infinitamente mais do que o instrumento militar posto ao serviço da nação. Exerciam sobre o poder político e sobre a engrenagem administrativa um poder discrecional e ilimitado impondo a sua vontade a todos os órgãos da vida pública, desde o Imperador até ao mais modesto funcionário.

O exército nunca conhecera o trazo amargo da derrota e essa circunstância contribuía poderosamente para explicar a sua situação excepcional. Vencera a China e a Rússia, em 1895 e em 1905. Associado aos vencedores da primeira guerra mundial, partilhara a sua vitória. Os seus êxitos ininterruptos e espectaculosos justificavam o reconhecimento duma nação ambiciosa e guerreira que vira sempre nas forças armadas que sustentava a imagem poderosa das suas verdadeiras aspirações e dos seus sentimentos profundos.

O povo japonês orgulhoso das suas criações nos domínios mais diversos e difíceis da vida internacional, dominado pela ideia secular de disputar a supremacia mundial aos brancos vira que, no diálogo com as mais fortes potências do ocidente, os seus chefes militares, negociando ou agindo, haviam triunfado sempre que os seus políticos tinham falhado.

Com a superstição do exército era a superstição da divindade imperial que contribuía poderosamente para alimentar a mística da guerra no Japão. «Não apenas o exército, dissera um dia o general Hayashi, mas a nação inteira considera o Imperador como um Deus vivo. Para nós não se trata duma questão de rigor histórico ou científico, mas um artigo de fé nacional». O acto histórico da rendição e as recordações dolorosas que ele evoca, recordações de seis anos de guerra suportados pelo mundo inteiro, não se apagarão decerto nunca mais do espírito dos homens do nosso tempo.

C. F.

Acto solene

NO acto solene que de bordo do «Missouri», consagrou a rendição incondicional do Japão, não foi pronunciada uma única palavra. A presença nesse acto do ministro dos Negócios Estrangeiros nipónicos, Mamoru Shigemitsu, oferece, neste momento, um incontestável interesse. Este diplomata de carreira foi, durante alguns anos, embaixador do seu país junto do governo de S. M. britânica e, no desempenho dessas funções, procurou demonstrar a sua amizade pelos países do ocidente, sendo geral a convicção de que ele procurava opôr-se, na medida das suas possibilidades, à actividade sinistra dos seus colegas do continente, especialmente, do general Oshima, embaixador em Berlim, e de Toshio Shiratori, embaixador em Roma, os dois mais calorosos artífices do pacto tripartido.

De regresso ao Japão, Shigemitsu revelou porém, imediatamente os seus verdadeiros sentimentos. Com as vitórias iniciais do Japão tornou-se um dos mais ardentes partidários da continuação da guerra e um dos mais exaltados intérpretes das aspirações imperialistas e expansionistas do partido militar.

Despesas da guerra

Ao pronunciar o seu último discurso sobre a lei de empréstimo e aluguer, «a arma da vitória» segundo a expressão apropriada de Eduardo Stetinius, uma arma forjada pela previsão do malogrado Presidente dos Estados Unidos, Franklin Roosevelt, o sucessor deste, presidente Truman, antecipou as revelações do relatório extenso e documentado que, poucos dias depois, enviou ao Congresso sobre o mesmo assunto.

Por ele se verifica que o total das mercadorias e, serviços fornecidos pelo Império britânico nos termos do Empréstimo e Aluguer, aos seus aliados e especialmente aos Estados Unidos, se eleva a mais de um bilião de libras sendo a parte do Reino Unido superior a novecentos milhões. Os outros aliados dos Estados Unidos não chegaram a atingir quarenta por cento desta importância com os seus envios, durante o período em que funcionou a lei.

Por outro lado, os números oficiais, agora publicados em Londres, demonstram, de maneira inofismável que, de todos os povos envolvidos no conflito, o povo inglês foi o que proporcionalmente suportou impostos mais pesados para custear as despesas da guerra.

MUNDO GRÁFICO

Director: ARTUR PORTELA

Chefe de Redacção e Editor: REDONDO JÚNIOR

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º / Lisboa / Telefone 2 5240

REVISTA QUINZENAL

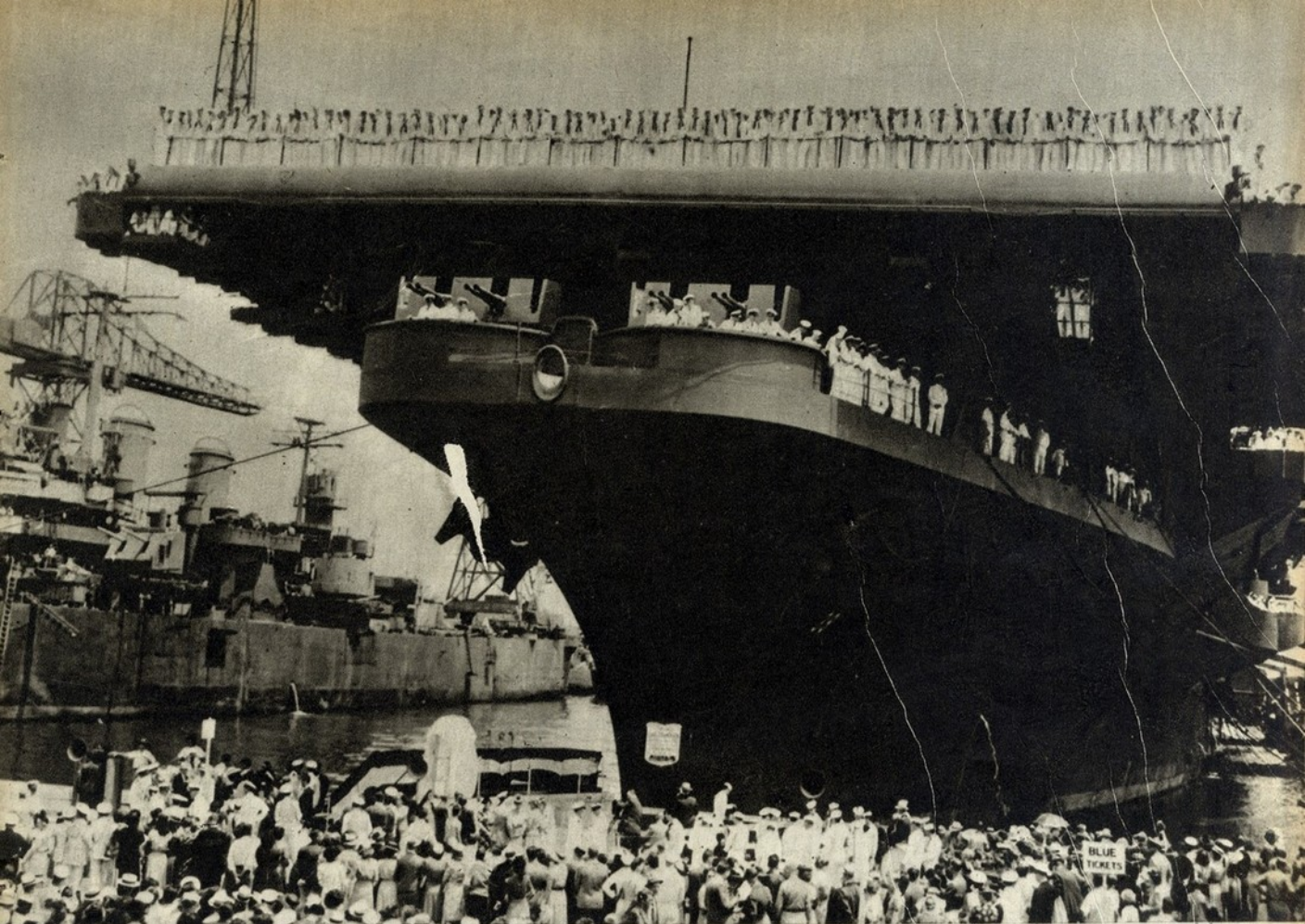
PROPRIEDADE DO MUNDO GRÁFICO, LDA.

Composição e impressão: Neogravura, Id.º — Travessa da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1980

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Esta é uma imagem do poder esmagador das Nações Unidas, com o qual os países do Eixo julgaram, um dia, que era possível brincar. Esse conceito de personalidade e de vida que deve ser vivida, com absoluta consciência da missão do homem sobre a terra, eram coisas que não tinham significado para os «senhores» que mandavam na sub-gente. Mas os rapazes de todo o mundo, que tinham consciência da própria personalidade, de que vale a pena viver, a vida construíram estas máquinas que derrotaram os tais «senhores»

COMO FOI DERROTADO O JAPÃO

A unidade aliada, no sentido da mais rápida derrota possível do Japão, os aviões que lhe foram feitos quanto à sua «resistência fútil e absurda» e a resolução das Nações Unidas sobre uma nova ordem de paz e de justiça, no mundo, constituíram fases integrantes da decisão elaborada em muitas conferências pelos chefes aliados.

Desde a assinatura da declaração das Nações Unidas, em 1 de Janeiro de 1942, até à capitulação do Japão, a determinação dos Aliados era clara.

A cooperação militar das Nações Unidas que suportavam o maior peso nos teatros de guerra no Pacífico e na Ásia foi constante e inequívoca. As decisões e avisos ao Japão no ultimatum dos Estados Unidos, China e Grã-Bretanha, dirigido de Berlim, em 26 de Julho, na ocasião em que os chefes americanos e britânicos participavam na conferência de Potsdam, eram categóricos.

Este ultimatum reafirmava os termos da declaração do Cairo e delineava o significado de «rendição incondicional». Militarmente, também os chefes das principais potências aliadas jamais se desviaram da norma fundamental de prosseguirem na guerra total.

Se bem que, para destroçar a agressão e assegurar a paz do mundo a derrota total do Japão tenha sido sempre considerada tão necessária como a vitória completa sobre a Alemanha, as considerações



Este é o general MacArthur, um dos tais «rapazes» que ainda sabe dar um pontapé numa bola e disparar uma metralhadora. O herói das Filipinas volta, vitorioso, a Manila.



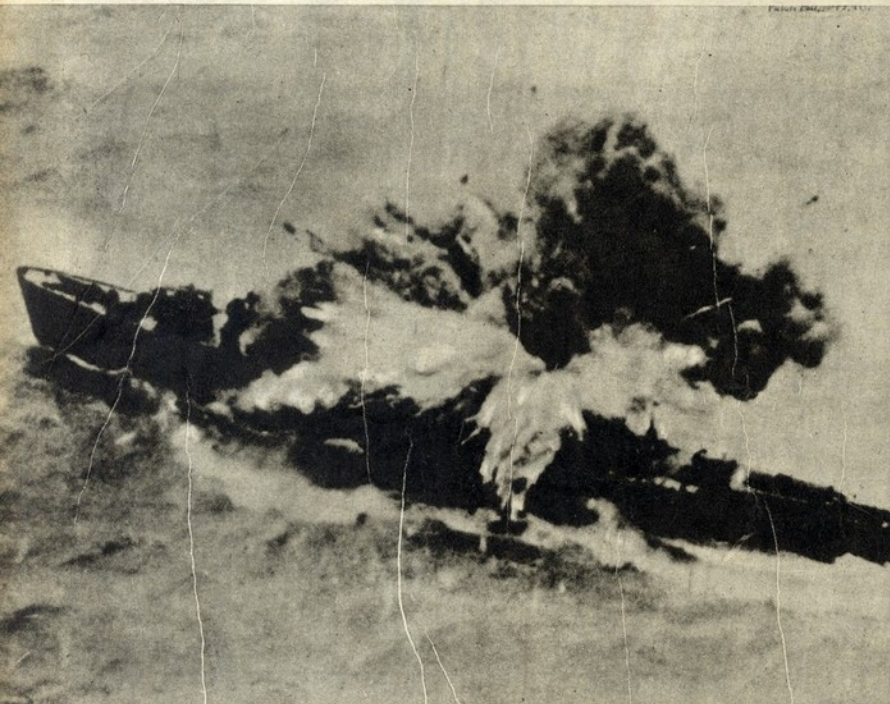
Quando estes rapazes ingleses acertaram a alça e corrigiram o tiro, nem um só projectil deixou de acertar neste círculo que os nipónicos tinham como símbolo inatingível. Era o coração do Japão que estava ameaçado de morte



O major general Carl Spatz e o almirante Bruce Frazer, respectivamente, comandante das forças aéreas americanas que esmagaram o Japão, e comandante das forças navais inglesas que entraram na baía de Tóquio — dois dos cérebros da vitória no Pacífico



Os australianos, bravos soldados que se bateram em todas as frentes, também contribuíram para a derrota do Japão. Ei-los, numa difícil operação de desembarque



de natureza militar tornaram possível a concentração do poder ofensivo, em primeiro lugar, contra a Alemanha.

O bom critério deste procedimento, em grande parte justificado pela geografia e pela lógica de guerra, em breve se tornou evidente.

Mas, na longa série de encontros realizados durante a guerra entre o falecido Presidente Roosevelt e o antigo Primeiro Ministro Churchill, bem como noutras conferências de chefes das principais nações aliadas, foi prestada a maior atenção aos planos estratégicos e à condução militar da guerra contra o Japão.

Pouco depois do infame ataque japonês a Pearl Harbour, Roosevelt e Churchill, com os seus estados maiores, reuniram-se em Washington, num encontro que terminou em meados de Janeiro de 1942. Durante esta Conferência, foi publicada a declaração das Nações Unidas, inicialmente subscrita por vinte e seis nações.

O encontro de Roosevelt com Churchill teve por objectivo a coordenação de todos os recursos, tanto militares como económicos, na frente mundial oposta ao Eixo. Criaram-se a comissão de chefes dos estados maiores combinados e o conselho de guerra do Pacífico e estabeleceram-se planos para a organização de importantes juntas de recurso combinados.

As operações militares contra o Japão foram novamente discutidas por Roosevelt e Churchill na conferência de Washington, em Junho de 1942. Ao abrigo do

(Continua na página 24)

Foi assim que, sucessivamente, as grandes unidades de transporte e de guerra dos japoneses foram para o fundo, sem remédio, atingidas em cheio pelos projecteis da aviação e da marinha de guerra das Nações Unidas



A artista trabalha no atelier, como se estivesse no polo — e tem razão



Lindos vasos em que o gelo tem a dureza, a transparência e o esplendor de um cristal



Uma cornucópia de gelo, caprichosamente recortada

ESTAMOS na época das matérias plásticas. Todos os dias, nos laboratórios, se combinam elementos, que constituem novas substâncias. O vidro, por exemplo, tanto é um tecido, com a leveza e a flexibilidade de uma seda, como adquire a dureza da madeira, podendo ser pregado, cortado e serrado como ela. O próprio cerne das árvores, depois de um longo banho em água fervente, é mais duro que o ferro. A superioridade dos aviões ingleses e americanos, em velocidade, deve-se ao facto das suas estruturas serem fabricadas com materiais, de uma extrema leveza e resistência, que desafiavam as balas de metralhadora do inimigo. Com o findar da guerra, aparecerão muitas coisas curiosas, utilitárias e baratas, na velha Europa, que são a síntese de prodigiosos, se não fabulosas transformações químicas. Não se fala já em resguardos de um papel completamente impermeável, que repele as gotas de água — e que pode custar tanto como um jornal?

Avançamos! Nesta guerra, o génio do homem trabalhou a pleno rendimento. Descobriu elementos ignorados da ciência, muitos dos quais não saíram ainda do segredo das retortas e dos tubos.

A bomba atómica sendo uma terrível força destruidora converter-se-á numa admirável força criadora, capaz de revolucionar a economia da terra, no seu duplo aspecto agrícola e industrial. A energia do urânio pode fornecer luz e aquecimento a todos os seres da terra. Enquanto isto se passa, Madeline Stone talha na neve formas curiosas, de uma transparência cristalina, que se podem conservar, indefinidamente, como haliques preciosos, quando sujeitos a uma baixa temperatura. Eis algumas das suas criações de hiperbórea e maravilhosa beleza. É pena não poderem ser vendidas no equador, para refrescar a temperatura, dando aos olhos dos enclaudados uma sensação polar, o que seria bastante agradável — e sugestivo.

Até um navio de guerra que, no mar se derreteria antes de fazer fogo...

ESCULTURAS DE GÊLO





Soldados e marinheiros do Brasil glorioso, que se bateram nos campos de batalha da Itália, passeiam, assim, na Avenida. com essa alegria inconfundível que caracteriza a cidade do outro lado do Atlântico

A LEGIÃO DA LIBERDADE

PORTUR PORTELA



As raparigas de Lisboa confraternizam com eles. Os bravos «pracinhas», com certeza que deixaram e levaram saudades

VIMOS passar! levavam nos olhos o céu do Brasil e na pele morena o sol de Itália. Mal se distinguiam dos portugueses. O mesmo tipo varonil, a mesma expressão vincada de heroísmo, até os mesmos nomes, se não a mesma bandeira — que o Brasil antes de ser pátria foi, como nós, Europa e Atlântico!

Cada um guardava, porém, no altar da alma, a luz ardente, a paixão morena, o aroma inebriante da sua terra. Madeiros do Ceará; jangadeiros do Amazonas, garimpeiros de Minas; gaúchos do Rio Grande, todos marchavam, ágeis, elásticos, com aquele ritmo americano que imprimiu à vida um movimento triunfal de alegria e de juventude.

Era esse ritmo que, sobretudo, caracterizava, a maravilhosa Legião da Liberdade que atravessou o pórtico da história, avançando agora, invencível e irreprimível, sobre o amanhã do novo mundo.

Baixou perante ela a bandeira dourada do céu de Portugal! Dir-se-ia mesmo que Lisboa construira com as pedras sagradas pelos séculos, tendo por fundo o azul do legendário Tejo, numa imorredoura arquitectura, o primeiro arco de triunfo, em cuja sombra passaram os soldados gloriosos, coroados com os mirtos e as rosas da Itália livre!

E tudo foi belo nessa manhã de sol que, de tão viva, radiante e efusiva,

(Continua na página 30)



Enquanto uns desfilavam, os que não tomaram parte na parada, perfilam-se fazendo continência à bandeira



Em cada rua se faziam relações. Este casal convidou dois brasileiros para almoçar e, depois, passaram juntos na artéria, onde de manhã tinham recebido as apoteóticas aclamações do povo de Lisboa



Confraternizando com os soldados portugueses. Eles contam os que foram os duros dias de luta na Itália, mas também têm uma anedota... muitas anedotas que contar



O povo adorou-os, porque eles souberam vir à Europa vingar os crimes de que foram vítimas brasileiros inocentes dos submarinos nazis



Nunca esta linda criança teve lugar mais próprio para a sua cândida beleza. Dir-se-ia um anjo no espaço azul do céu



A dois mil metros de altitude, esta menina, de rosto um tanto receoso, parece não fazer idéia do que se passa cá por baixo



O sr. João Pereira da Rosa, director do «Século», e o jornalista Norberto de Araújo, estão mais impressionados pelas criancinhas do que pela descolagem do avião



Aqui há várias expressões: umas interrogativas, outras, talvez, de espanto, e, algumas, de curiosidade. Mas o que cada um dos pequerruchos pensa neste momento é que constitui um mistério para adultos



Parece um pouco enjoada. Mas não está. Deve ser pena de já ter acabado o voo. O dr. Ruben de Carvalho, médico do «Século», que acompanhou os doentinhos, dispensa-lhe os seus cuidados

O AR DULHES A VIDA



Esta pequenita está um pouco mal disposta... Não admira: é o seu baptismo do ar... Mas daqui a minutos, a dois mil metros de altura, a boa disposição voltará a iluminar-lhe as faces rosadas

HÁ indivíduos um tanto incrédulos em face da marcha contínua da ciência. «Ora! Isso nunca se viu nos tempos dos meus avós; e todas as pessoas viviam bem e todos se curaram se acontecia estarem doentes».

A este e a semelhantes propósitos não há ninguém que não tenha ouvido opiniões de tal jaez. E' que a humanidade, nem sempre acredita no desejo generoso de alguns que pensam em minorar-lhe os males.

Nós, embora façamos também parte da pobre humanidade reconhecemos e acreditamos que a generosidade do homem auxiliada pela ciência, há-de, no futuro, tornar menos dolorosos os dias de quem sofre.

Veem estas considerações muito a propósito de uma admirável iniciativa há pouco perfilhada pelo jornal «O Século», e a qual deu todo o seu apoio o sr. João Pereira da Rosa, ilustre director daquêle matutino.

Não será, pois, demais, lembrar-se o que foi essa iniciativa e qual os seus benéficos resultados. Nunca, que saibamos, se havia tentado entre nós a cura do terrível mal da infância — a tosse convulsa — pelas altitudes só atingíveis pelos aviões.

Pois essa experiência efectuou-se recentemente. Setenta e seis crianças, atacadas pela terrível coqueluche, subiram a 3.000 metros, utilizando para isso o «Dakota» do Secretariado da Aeronáutica Civil.

O Resultado sob o ponto de vista clínico foi maravilhoso. Na sua quasi totalidade, e após dois vãos apenas, por observação médica, estavam curadas essas crianças. O facto é de tão grande importância que ninguém, por mais afincadamente regressivo, poderá negar a sua evidência.

Entre outras pessoas que surgiram e deram realidade a tão bela iniciativa, não podemos deixar de citar, com merecido louvor, os nomes dos srs. João Pereira da Rosa, tenente coronel Humberto Delgado, director do S. A. C.; major Humberto da Cruz, chefe dos serviços de instrução; o capitão Benjamim de Almeida e o piloto Durval Ferreira.



O jornalista Redondo Júnior ajuda a descer, carinhosamente, do avião, uma criança. Temos a certeza que lhe está a perguntar: «E então, gostaste?» Ao que a pequerrucha teria respondido: «A menina quer mais»



O rosto torturado de Ivan parece vêr para além da vida e da morte

IVAN O TERRÍVEL

NO CINEMA



Uma cena do filme de Eisenstein. A recepção do embaixador da rainha Isabel de Inglaterra

EISENSTEIN é um dos magos do cinema. A sua arte tão simples, como profunda, revolucionou a técnica cinematográfica. À regra estabelecida, ao plano definido, à atitude rígida do autor, opôs ele a liberdade dos movimentos, a realidade do ambiente ou do cenário físico e a sinceridade do intérprete. Daí resultou uma expressão mais bela, como naturalismo, na arte das imagens. Mas não ficou por aqui! Da plasmação dos filmes, passou, digamos, para a sua estrutura interna, isto é, para o trabalho dos laboratórios cinematográficos. Antes de Eisenstein, pode afirmar-se, não existia a ciência da montagem, a qual, entre outras coisas, permite desenvolver uma cena, dar-lhe movimento, sensibilizá-la, psicologicamente, ajudando assim o trabalho das câmaras demasiadamente, objectivo.

Eisenstein é um criador de obras primas. O couraçado *Potemkine* é um filme de potentes efeitos que, tendo um valor histórico irrefragável, é também um documento de alto valor humano. Associando as massas, mas sem as subordinar a efeitos



Ao fundo, no cenário grandioso e fantástico do seu palácio, ele chora a morte da tzarina

como Cecil B. de Milles, Eisenstein consegue traduzir-lhes, a cólera, a alegria, o sofrimento, como se produzem, em erosão completa, avassaladora!

Para Eisenstein, o cinema não é teatro. É uma arte independente, em que as dimensões não coincidem com aquele. O grande realizador tem ainda outra maravilha: *Ivan, o terrível*, onde nos dá o complexo da alma eslava, sombras e clarões, grandezas e misérias, como só Tolstói e Dostoewsky, na literatura, o conseguiram. *Ivan, o terrível* é um drama duplo, onde tanto o palácio, como a estepe, são fixados através dos seus tipos mais característicos. A criação atinge o mais alto nível de beleza, numa epopeia, por vezes, estranha para o sentimento ocidental, mas que é, especificamente, russa.



A coroação do tzar de todas as Rússias

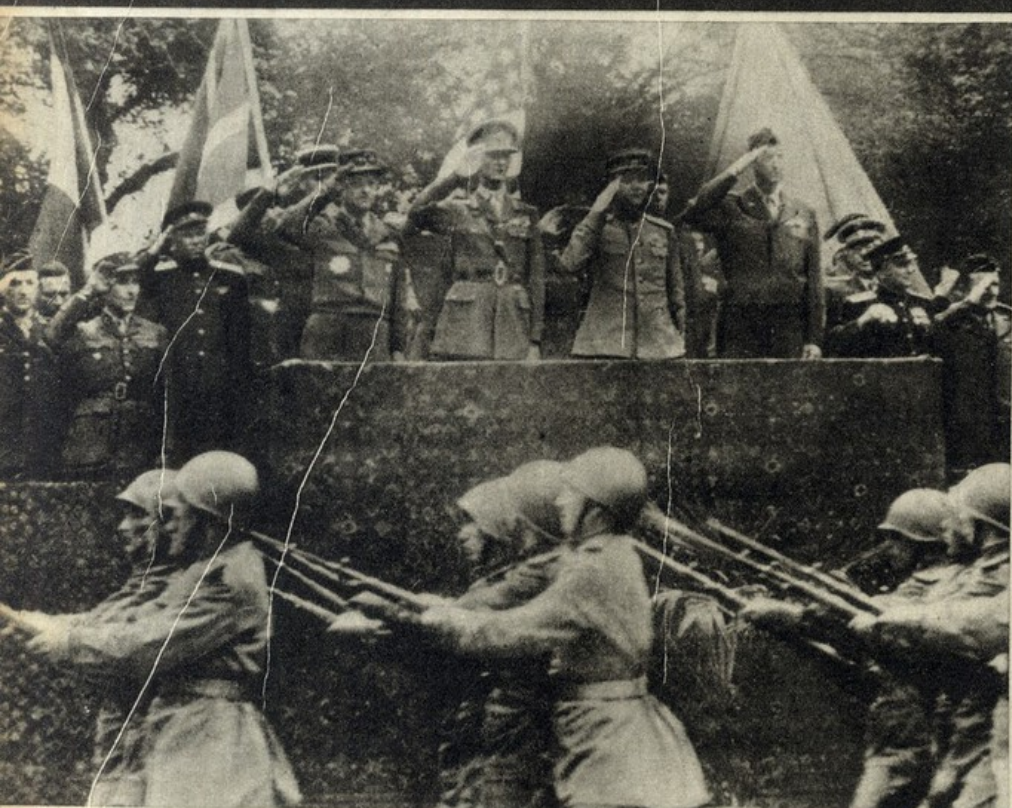


O povo, em procissão, pede a Ivan, cuja silhueta é dramática, que não abdique



Os ícones são mostrados ao povo de Kazan

A PARADA DA VITÓRIA EM VIENA



MERCADO DE BUGIGANGA EM BERLIM

Os berlineses fizeram do jardim fronteiro às ruínas da Reichstag o seu mercado negro de bugigangas que os soldados das nações unidas compram como recordação da sua passagem pela capital da Alemanha

Viena, a capital do sonho, também teve a sua hora de libertação e comemorou, como as outras grandes capitais da Europa, o dia da Vitória. Os soldados das Nações Unidas desfilam perante a tribuna de honra, onde se vêem, da esquerda para a direita, o general Bethonard, o tenente-general Mc Creery, o marechal Koniev e o general Mark Clark

MORRERAM AQUI

Os berlineses querem obter dinheiro por todos os processos e não há, por isso, bugiganga que não vendam, estabelecendo um verdadeiro mercado negro de inutilidades. As autoridades de ocupação reprimem, energicamente, o verdadeiro mercado negro, mas até acham graça ao outro — o das bugigangas — como este soldado, que adquiriu uma máquina fotográfica, estilo «caixote», dos primeiros modelos da Kodak



Este histórico documento foi obtido no dia V. J., quando o Rei Jorge VI recebeu, em Buckingham Palace, o Primeiro Ministro Clement Attlee



Este foi o último refúgio de Hitler, na chancelaria do Reich, agora guardado por soldados das Nações Unidas. Estava preparado para a defesa até à última, mas de nada serviu. Os seus dias tinham sido contados por aquela Providência de que ele tanto abusava para iludir o povo alemão



Esta pomposa sala que serviu de gabinete a Hitler, na chancelaria do Reich. As granadas das Nações Unidas chegaram até lá, até o coração do nazismo, para que ele jamais pudesse reaparecer



Este era o quarto onde Hitler dormia, quando ficava na Chancelaria. Estes objectos, que um soldado aliado examina, poderão figurar, um dia, num museu, para que as gerações de amanhã possam recordar o maior criminoso da História

QUANDO PASSAM SUAS MAJESTADES



No dia V. J. Os soberanos da Inglaterra passam, em carruagem aberta, pelas ruas de Londres, entre apoteóticas aclamações da multidão delirante, a caminho do Parlamento



O HOMEM QUE LIBERTOUC A ITÁLIA

Este é o marechal Alexander, que comandou os heróicos exércitos anglo-americanos, que libertaram a Itália. É um homem simples, desportivo, verdadeiramente à Inglesa. Ei-lo com sua esposa e com o filho, no jardim da sua residência em Windsor. Ninguém diria que o homem de fato sport, com o pequerrucho pela mão, olhando sorridente a objectiva, é o estratega genial que venceu os alemães no Norte de África e no continente italiano. Foi nomeado, recentemente, governador geral do Canadá

UM HEROI DO AR

por HARLEY V. USILL

NÃO é muita vez que, um homem que se alista numa das armas do Exército e muda depois para outra, consegue guindar-se aos postos mais elevados. Foi isso, porém, o que sucedeu a Keith Rodney Park.

Na outra guerra serviu como soldado raso; depois, como alferes, na Força Expedicionária Neo-Zelandeza, em Gallipoli. Em 1917, todavia, foi dispensado, temporariamente, do exército para ir servir no Real Corpo de Aviação, como então se chamava, e, mais tarde, depois de aprender a voar, foi colocado em França onde dois feitos de extraordinária bravura lhe valeram a Cruz Militar, com uma barra. Ganhou a barra por «ter derrubado nove aviões inimigos, três completamente destruídos e seis caídos sem governo». No fim da primeira guerra mundial estava a comandar a 49.ª esquadra, em França.

Quando deflagrou a segunda guerra mundial, Keith Park foi logo para a sala de operações do Comando dos Aviões de Caça, com o posto de Comodoro do Ar. Depois, na qualidade de Comandante do 11.º Grupo, sobrevoou muita vez a França no seu Hurricane e, quando se deu a evacuação de Dunquerque, manteve-se no ar, sobre as praias, até ter partido o último soldado. O seu avião foi, também o último a partir de Cherburgo.

Veio depois a Batalha da Grã-Bretanha, durante a qual o 11.º Grupo teve de suportar o maior embate da batalha. Park, à semelhança de muitos outros chefes da Real Força Aérea, não se contentou em controlar as operações da sua cadeira de comando, mas patrulhou, no seu Hurricane, no mais acêso da peleja durante mais de 100 horas. Por este trabalho foi feito companheiro da Ordem do Banho e, a seu respeito disse o seu Comandante em Chefe: «Devia-se reconhecer que a ele se deve a vitória na batalha da Grã-Bretanha».

Ganha a Batalha da Grã-Bretanha, Keith Park foi lutar na Batalha de Malta, cujo êxito interrompeu seriamente as comunicações de Rommel com a Líbia e contribuiu muito para a vitória do 8.º exército no Egito.

Logo que terminou, vitoriosamente, a campanha da África do Norte, ele dirigiu os seus aviões contra o inimigo, na Sicília e na Itália, além de defender a ilha contra os ataques que os alemães e italianos ainda estavam em condições de empreender.

Em Fevereiro de 1944, o marechal do Ar Sir Keith Rodney Park abandonou o Médio Oriente, onde tantos triunfos pessoais alcançara, para ajudar a estabelecer os planos da guerra aérea contra os japoneses e foi ocupar o posto de Comandante Chefe do Ar, no Sueste da Ásia.





A LLOYD'S DE LONDRES

EDUARDO LLOYD, dono de um café na Lombard Street, em Londres, morreu por volta de 1712. Todavia, a sobrevivência do nome de um obscuro dono de café, na vasta rede que é hoje a Lloyd's, não é inteiramente a obra do acaso. Os negociantes afluíam ao seu café no século XVII porque o dono deu provas de imaginação e de energia, pondo ao dispor de cada um aquilo de que mais precisava. O mundo, hoje em dia, afluê a Lloyd's porque gerações seguidas de compatriotas desse obscuro dono de café, graças à rapidez com que faziam face a exigências variadas, graças a uma administração criteriosa e a uma integridade absoluta e infalível, criaram uma instituição que é o guarda supremo e vigilante do seguro e dos assuntos marítimos de todo o mundo.

A pouca distância do Tamisa, da Bolsa Real e do Correio Central, o café do sr. Lloyd era, no século XVII, um centro muito cómodo para todos aquêles a quem interessavam os assuntos marítimos. Dava-se isto numa época em que a crescente expansão dos negócios do país tinha que ser dirigida sem que os

interessados dispusessem de jornais diários, de telegrafia sem fios, de telefones ou de combóios. As relações pessoais eram, por conseguinte, da maior importância. Eduardo Lloyd demonstrou possuir iniciativa. Empregou «corretores» para darem a volta às docas e aos armazens e recolherem ali toda e qualquer informação, por insignificante que fosse, a respeito dos assuntos marítimos. As informações assim respigadas bem como cartas de interesse geral eram lidas em voz alta por um criado numa espécie de tribuna. O sr. Lloyd fornecia mesas, penas e tinta e um lume quente, todos os atractivos, enfim, para levar os seus freguêses a tratar dos seus negócios na sua casa enquanto tomavam o seu café. Quando o sr. Lloyd começou a manter correspondência regular com os agentes no estrangeiro assim como nos portos da Grã-Bretanha e a publicar «listas» de notícias e informações a respeito de navios, fez do seu café o centro dos negócios marítimos de Londres.

A medida que iam tomando vulto os empreendimentos dos mercadores Elisabe-



Sir Thomas Gresham, que fundou e construiu a Bolsa Real com a intenção de fazer de Londres o centro financeiro do mundo



O edifício da primeira Bolsa Real, que foi inaugurado com grande pompa pela Rainha Elisabeth, em 1571



O segundo edifício da Bolsa Real inaugurado em 1670, onde os seguradores da Lloyd's se mantiveram até 1838



O famoso sino «Lutine», no actual edifício da Lloyd's. Mantem-se a tradição de tocar este sino para anunciar a perda de um navio



O sino «Lutine», como era primitivamente. Foi retirado da fragata Lutine naufragada em 1799. Toca-se na Lloyd's para chamar os seguradores a ouvirem notícias importantes

NEW LOYDS COFFEE HOUSE SUBSCRIBERS ROOM

A taboleta da «NEW LLOYD'S COFFEE HOUSE», o café instalado pelos seguradores em 1779, e que marcou uma nova era de expansão na história da célebre Instituição de Seguros



Interior de um café de 1668. Era semelhante a este o café possuído por Eduardo Lloyd que se especializou no fornecimento de facilidades e informações aos homens de negócios que tratavam dos seus assuntos de seguro marítimo enquanto tomavam o seu café



(Em cima) Insignias usadas por cafés Londrinos.
(Em baixo) «A sala» no novo café Lloyd's



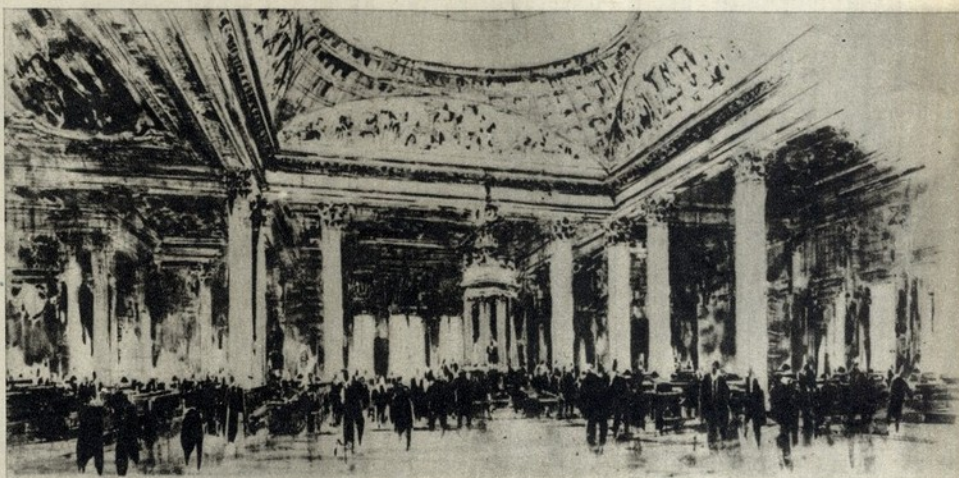
Os seguradores de hoje na Lloyd's (no novo edifício de Leadenhall Street examinam as folhas diárias, de notícias relativas à navegação do mundo inteiro

thianos aumentaram as necessidades de um seguro marítimo e as primeiras batalhas feridas por seguradores individuais contra o monopólio dos seguros começaram na data bem remota de 1574. Concederam-se mais tarde alvarás à «Royal Exchange» e à «London Assurance Corporation (Bolsa Real e Companhia de Seguros «London»). Os seguradores individuais do café do sr. Lloyd prosperaram e, no ano de 1691, já se empregava uma apólice impressa. Em 1734 as listas do café Lloyd

(Continua na pág. 30)



A soberba entrada do moderno edifício da Lloyd's inaugurado em Londres em 1928. O serviço de informações tem nomeada em todo o mundo



Vista geral do vestibulo principal ou «sala» como é tradicionalmente chamada

PÁGINA FEMININA

de AURORA JARDIM

MAQUILHAGEM

Se quiser dar certo sombreado ao olhar, para a noite, escove as pestanas com o rímel, levemente.

Mas nunca dê um traço negro na pálpebra inferior, porque lhe carregará imenso o parecer.

De resto, sempre se acentua mais o rímel nas pestanas superiores do que nas inferiores.

Se tiver o nariz muito grande, use nêle um pó mais claro do que no resto do rosto.

Inperceptivelmente, portanto, para que tal diferença se sinta mas não se note.

Para lavar a cabeça, empregará o *shampooing* seguido de loção perfumada, a qual se destinará a activar a circulação no couro cabeludo.

Se alguma vez tiver de lavar a cabeça sem a molhar, empregue um antisséptico volátil: o éter, por exemplo. Mas, cuidado, porque é muito inflamável.

BISCOITOS

Salgados

Melo litro de leite morno, misturada com 75 grs. de manteiga.

Tira-se do lume e junta-se 250 grs. de farinha e uma pitada de sal.

Trabalha-se bem a massa, faz-se uma bola e deixa-se descansar durante uma hora.

Estende-se com o rôlo e corta-se em tiras, compridas e estreitas, com meio centímetro de espessura.

Salpicam-se com água salgada e vão ao forno quente, até alairem.



Não se vêem sendo estampados e, este, que é modelo da Harper's Bazaar, pode considerar-se verdadeira maravilha



mulher inglesa já substituiu a farda por estes graciosos vestidos de verão
o toilettes simples, que servem para a praia ou para desporto que
as duas raparigas inglesas envergaram para uma visita aos navios de
guerra ingleses, que se bateram heróicamente na batalha do Atlântico



UM ACONTECIMENTO CINEMATOGRAFICO DE GRANDE RELÊVO!

Em exhibição no EDEN TEATRO
o célebre filme

‘O GRANDE VENDAVAL’

(Um exclusivo da ESIRÊLA FILMES, LDA.)

extraído do romance de Mary Ann Cross
(George Eliot) «The millon the Floss»,
traduzido sob os títulos «O moínho à beira
do rio» e «O moínho à beira do Floss»

Interpretado pelos extraordinários artistas:

Geraldine FITZGERALD

James MASON

Victoria HOPPER

Frank LAWTON

e outros

É uma super-produção que foca o ódio entre
duas famílias inglesas do século XIX, ódio que
destrói duas vidas em flor, que o amor unira e
a fatalidade reúne na hora suprema da morte!



À esquerda. Uma das imagens
mais emocionantes do filme, com
Victoria Hopper, James Mason,
ao centro, e Frank Lawton, e
em cima, Victor a Hopper e
Frank Lawton, numa cena de
amor

FIGURAS E FACTOS



Um velho lobo do mar entrega um ramo de flores ao sr. embaixador de
Inglaterra, durante as festas dos pescadores, em Sesimbra, patrocinada
«pelo Século»



Um momento de «O Grande Vendaval»



Um momento do recital dos alunos de canto da ilustre professora D. Hermínia
Alagarim, no Sindicato Nacional dos Músicos

A ENFORCADA



O Inspector Cobbe interrompeu o trabalho para escutar Rex Bruno que explicou: — A minha mulher está esta tarde para fazer umas compras e sinto-me preocupado. O inspector prometeu fazer as investigações necessárias para a encontrar.



A terceira pessoa que encontrou forneceu-lhe alguns elementos. O empregado de uma cordoaria declarou que a senhora Bruno estivera na sua loja, durante a tarde, tendo comprado um novelo de corda para pendurar roupa; acrescentou ainda: — parecia estar doente; disse-me também estar muito nervosa quando lhe perguntei pela saúde.



O corpo de Jane foi encontrado, na manhã seguinte, por um guarda, pendurado numa árvore. Deu um golpe na corda com a sua navalha, deitou o corpo, apoiando a cabeça na mala de mão, e foi comunicar o aparecimento. Quando o inspector chegou esvaziou a mala...

Encontrou dinheiro, chaves, roupe, baton e um envelope amarrado dirigido à vítima. Depois de uma busca cuidadosa nos arredores, o inspector nada encontrou. A morte devia ter-se dado na véspera.

Uma pista levou o Inspector Cobbe a deter Mr. Bruno como suspeito criminoso.

QUAL FOI A PISTA QUE O LEVOU À DETENÇÃO?

(Ver a solução na pág. 30)

COMO FOI DERROTADO

(Continuação da pág. 8)

plano de acordo de auxílio mútuo, os Estados Unidos e a China firmaram, em 2 de junho daquele ano, um acordo de empréstimo e arrendamento, pertencente a uma série de pactos de empréstimo destinados a reunir completamente os recursos económicos aliados para a guerra.

Em Casablanca, em Janeiro de 1943, Roosevelt e Churchill — em comunicação com o generalíssimo Chang-Kai-Chek — tomaram medidas importantes para a aceleração do ritmo das operações aliadas no Extremo Oriente. O comunicado da conferência de Casablanca dizia que Roosevelt e Churchill haviam dado conta a Chang-Kai-Chek «das medidas que se comprometiam a tomar para o auxiliarem na luta grandiosa e inflexível da China pela causa comum». Mais tarde, Roosevelt anunciou que as discussões de Casablanca prosseguiram, em Chungking, entre o generalíssimo e o general H. H. Arnold, chefe da aviação militar americana, «tendo resultado em planos definidos de operações ofensivas» contra os japoneses.

Roosevelt acentuava que «as únicas» condições em que negociariamos com qualquer dos governos do Eixo são as que foram proclamadas em Casablanca: «rendição incondicional».

Em Maio de 1943, Churchill e Roosevelt conferenciaram pela quinta vez durante a guerra. O Japão ocupava um lugar de relevo na agenda dessa conferência, sendo os altos comandos aliados nos teatros de guerra da Ásia e do Pacífico chamados a Washington para o estabelecimento de planos estratégicos.

Alguns meses depois, em Quebec, o ministro dos Negócios Estrangeiros chinês, T. V. Soong tomava parte em discussões com Roosevelt e Churchill. Por motivos de segurança, as decisões de carácter militar foram mantidas em segredo, mas, cerca de um ano mais tarde, Churchill revelou que o avanço aliado no norte da Birmânia tinha sido planeado para assegurar maior protecção ao imenso percurso aéreo americano para a China. As conversações militares da Conferência de Quebec foram consagradas, em grande parte, às operações contra o Japão.

A Conferência do Cairo, em fins de Novembro de 1943, na qual o generalíssimo Chang-Kai-Chek, Churchill e o Presidente Roosevelt participaram com os seus conselheiros políticos e militares, revestiu-se da maior importância para o Japão.

Na declaração do Cairo, o Japão foi informado de que seria despojado de todas as conquistas alcançadas desde 1895. Numa inflexível pressão militar, já em aumento contra o inimigo, foi afiançada. O comunicado dizia ser propósito das três nações «que o Japão fosse privado de todas as ilhas do Pacífico tomadas ou ocupadas desde o princípio da pri-

(Continua na página 29)

DOIS LINDOS PEIXES

Haverá no fundo do mar uma nereide como esta? Pelo menos, Camões cantou-as e ninguém, até hoje, foi tão belo e tão verdadeiro no seu lirismo como o autor dos «Lusiadas».



A última sereia do oceano que, diabolicamente, empolga um robusto tritão. Chegarão um dia à superfície os dois enamorados?



Agora são duas que boiam como medusas, na volúpia do mar, que elas abraçam com os seus corpos de mármore lactescente

Na profundidade dos mares, encontram-se estas fantásticas vegetações. Duas flores humanas que Neptuno, o deus das águas, arrebatou para o seu domínio



PÓ D'ARROZ



nally

ADERENTE • LEVE • PERFEITO



CARLOS SOMBRIO

«TORTURADAS»

por CARLOS SOMBRIO

CARLOS SOMBRIO é um operoso trabalhador das letras ao qual se devem duas dezenas de volumes publicados. A sua obra, que inclui ensaio, biografia, romance, novela, merece, por isso, referência de destaque.

Os seus ensaios literário-bibliográficos acerca de Garrett e de João de Barros, são, pela seriedade dos processos expositivos, dois trabalhos que honram o escritor. O seu estudo em que nos expõe essa torturada figura de artista criador, de prosador brilhante e rebelde, que foi o desventurado Belémónio, é o que de mais perfeito se tem escrito até hoje sobre o contista de «Musa Loira». No romance, ainda há pouco Carlos Sombrio nos deu as suas belas possibilidades na obra premiada pela Latina Editora, a que deu o título de «O meu romance».

O escritor, que compreende a digna missão a que se impôs, deu-nos, recentemente, mais um livro: «Torturadas», se chama o volume.

Trata-se de uma novela de tema original e humano e onde sob a aparência de uma subtil expressão formal reside muito de pensamento elevado.

Não descreveremos em minúcia o entreccho, como determinam os cânones; todavia aludiremos muito ao de leve ao fulcro inspirador da novela.

Uma hipotética personagem, para entretenimento de espírito, manda publicar nos jornais um anúncio do teor de tantos que todos os dias os órgãos de grande informação inserem pedindo «noiva».

As respostas não se fizeram esperar, e todas elas refletem psicólogos fíminas diversas. E aqui começa a novela, cuja finalidade é, para a maior parte dos leitores, inesperada.

Carlos Sombrio pôs neste seu último livro, a-par das suas qualidades de escritor, uma nota viva de originalidade.

«Torturadas», são uma obra que, pelos seus evidentes méritos, deve constituir merecido êxito.

SALVADOR SABOIA

MORREU há dias Salvador Saboia. É natural que o grande público nem sempre tivesse presente o nome do jornalista. Os que escrevem os jornais esquecem de pressa. Ficam, apenas, as pessoas de quem, tantas vezes, falam por imposição. Nós é que não podemos deixar de lembrar a figura do camarada lealíssimo, culto, incansável, a quem muitos dos recentes jornalistas devem ensinamentos e exemplos nobres de camaradagem.

Nesta ligeira nótula queremos traduzir a mágoa que o desaparecimento de um nobre camarada nos deixou. Velha e cansada mania, dizem. Que importa. Os outros, os que acham romântico lembrar um camarada digno e valioso, que se fiquem a rir e a singrar no tranqüilo lago das suas felizes ambições.

ONTEM E HOJE

POR AUGUSTO RICARDO

Romantismo Século XX

DIZIA em tempos um velho jornalista que o mais interessante jornal não é aquele que o leitor lê todos os dias, por mais curioso e bem feito que o periódico seja.

Quizemos, no entanto, por curiosidade de espírito, fazer uma experiência e acabámos por convencer-nos que o nosso interlocutor tinha razão.

Logo nos saltou à vista uma notícia em que se relatava a morte de uma jovem bela e multimilionária.

Aparentemente, o caso é banal. Pelo menos para nós que consideramos tão lamentável a morte de uma marquesa como a de qualquer ignorada e mísera mulher a dias.

Mas o estranho e irreal, o novelesco do acontecimento não reside, propriamente, na morte da referida senhora, mas no motivo que determinou o funesto caso: a senhora, a que muito condoidamente estamos a referir-nos envenenou-se por não poder resistir à dor que a doença de um cão despertou na sua alma bondosa.

Ninguém, por certo, deixará de sentir compunção por aquela alma alanceada. Mas, ao mesmo tempo, reconhecemos que as grandes paixões e as mortes impressionantes que celebrizaram tantos amorosos e amorosas perderam muito do seu significado sentimental.

Nem a tragédia de Antony, nem a do De Grieny, nem a de Carlota, nem a de Maria Duplessis, podem igualar-se ao drama amoroso dessa desventurada marquesa que se matou, no século XX, românticamente, apaixonadamente, pelo seu insubstituível cãozinho.

OS RAPAZES E OS BRINQUEDOS

ESTE pequeno, como aliás todos os pequenos, tinha uma história engraçada. Se a outros só lhes apetecia brincar com coisas inofensivas, a este dava-lhe para representar em família cenas horripilantes e belicosas. O hiva com indiferença, se não com desprezo, para os brinquedos frágeis e simples dos seus companheiros de escola. Um livro de estampas, um barquito colorido, um pião, qualquer coisa, enfim, própria das crianças da sua idade, eram olhados por ele com arrogância.

Não era, pois, o pequeno que conhecemos dado a admirar brinquedos simples e inofensivos. Ria-se deles e de quem os usava. Apesar da sua infância, não era para essas coisas. A inocência para ele prejudicava o desenvolvimento prático e positivo.

Assim, e em obediência ao seu irrequieto espírito, o nosso pequerrucho só experimentava gosto quando brincava às guerras. Tinha em casa vários engenhos mortíferos: canhões de papelão, espingardas de pau, tanques de papel.

Era nesse ambiente bélico que o pequeno se sentia bem. Dia em que não ameaçasse da sua janela os pequenos companheiros de infância, era dia sem interesse para ele. Claro que o pequeno era incapaz de sair à rua com os objectos terríficos que lá tinha em casa: armas de papel. Os outros, os miúdos pacíficos, riam das bravatas do herói; e, não obstante o seu pacifismo, corriam-no à pedrada de quando em quando. Passaram tempos. Muitos pequenos seguiram o seu rumo. Alguns não foram além dos primeiros estudos. Outros permaneceram ingénuos e cândidos.

O nosso herói, porém, continuou a alimentar sonhos de conquista e a guardar lá em casa as armas de papelão. Nem sequer se atrevia a vir à rua.

A ameaça das pedradas dos que não possuíam outras armas era bastante para o manter em silêncio.

Deu-se, contudo, um facto inesperado: os outros rapazes deitaram fora as pedras. Nisto residia toda a força do pequeno arrogante e agressivo. Foram-se embora todos os seus colegas que lhe atiravam pedras.

Mas, pelo sim pelo não, o nosso endiabrado fedelho vem uma outra vez à rua sobreçando armas no intuito evidente de meter medo aos inimigos que já não existem.

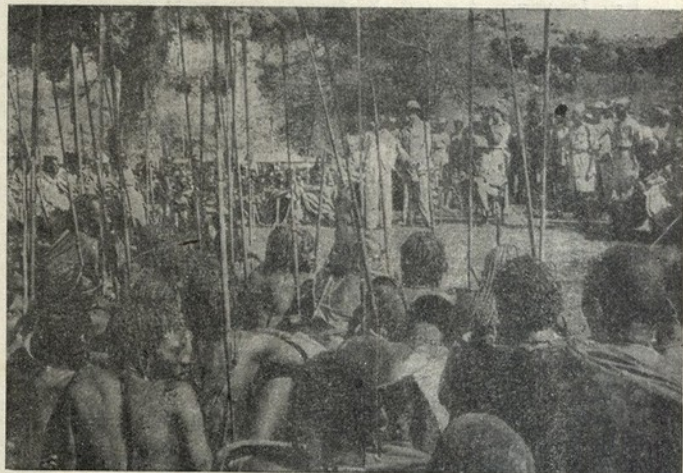
O homem e a alquímia

SEGUNDO informam as agências telegráficas o sonho inenarrável e luco dos alquimistas parece que em breve se tornará realidade. O ouro, ainda por informes chegados às gazetas, poderá ser obtido, simplesmente, de qualquer metal inferior ou de um outro metálico. O «ouro maldito», o «vil metal», assim denominado por aqueles que tanto o ambicionam ter, passará de futuro a ser coisa mesquinha. Nunca mais em seu nome se praticarão crimes, nem injustiças, e os indivíduos deixarão de sonhar com magnificências e grandezas.

Tudo na vida dos homens e na evolução das sociedades será simples e acessível como gota de orvalho. Sim. O paraíso parece que foi atingido, pelo menos na imaginação dos que continuam ainda a sonhar.

Surge, porém, uma angustiosa interrogação: que ficará a representar o papel que até agora tem sido desempenhado pela ambição do fascinante metal?

O homem, perdido a fascinação do ouro, não tardará a inventar outro poder malféfico a que atribua igual se não maior valor a impeli-lo para deshumanidades inconcebíveis que, pelo culto do ouro, vem de há milénios praticando.



Nem as mais requintadas elegantes se podem orgulhar de ter pen'eados tão artísticos

DOIS HOMENS

de GUEDES AMORIM

A noite tinha desilho, havia muito, e o homem esteve exausto da longa jornada, não sabia onde ir, ainda, procurar trabalho sentou-se à beira da estrada, a cabeça entre as mãos, tombando nos seus tristes pensamentos. Tinha deixado S. Martinho de Muuros, quando a madrugada vinha ainda longe, raríssimos eram os galos cantarem nos quinteiros, e, lá baixos, a fita celeste do rio, afofada na escuridão, não se enxergava sequer. De Mo'edo para cima, foi batendo aos portões das quintas: "Precisam de um trabalhador?" Não precisavam. Atravessou Seruço, Ariz e Loureiro. A sua oferta era sempre recusada. Davam-lhe a mesma resposta, por toda a parte. Tinham passado as vindimas, Novembro já já quasi no fim, nas quintas e nos campos o trabalho estava por assim dizer, paralisado. Levou a manhã e a tarde a interrogar os feitores das grandes propriedades: "Precisam de um trabalhador?" Enxada e saco às costas, com duas camisas e ceroulas rotas, foi atravessando as povoações. Em Travassos, já invidido de fadiga e de descrença na sua sorte desceu para Lourentim. De um e de outro lado do caminho, alastaram os vinhedos, em acalcos, as cepas despidas, vergontes por terra, num triste e lastimoso abandono.

A paisagem desoladora assemelhava-se muito àquela que tinha deixado em S. Martinho. O seu estado de alma é que era diferente, porém, o que lhe agradava. Mercedes, sua filha única havia fugido para Lamego, e dizia-se que andava no lodo da perdição. Gonçalo não queria acreditar, mas a todo o momento, os vizinhos, estimando-o, falavam-lhe na desgraça. Andava sempre envergonhado, olhos no chão, sem cotação para encarar pessoa alguma de frente. Foi então que se decidiu a abandonar a terra, para procurar trabalho muito longe, onde ninguém o conhecesse.

Agora, para onde ir? Levantou a cabeça e os olhos afofavam-se-lhe na escuridão. Ao longe, descobriu luzes. Levantou-se e foi andando a custo. Seria a última tentativa, pois o cansaço não o deixaria ir mais longe. As luzes que tinha visto eram da Quinta das Canas. Bateu ao portão e esperou, sem qualquer esperança a animá-lo. Se recusassem, ali, uma vez mais, a sua oferta, deitar-se-ia num valado a passar a noite.

Ao cabo de bastante tempo, abriu-se o portão e apareceu um cavalleiro, de pera e bigode, segurando um lampião. Gonçalo perguntou:

— Precisam aqui de um trabalhador?

O outro levantou mais o lampião e observou-o:

— De onde vem?

— De longe, senhor. De S. Martinho de Muuros.

— Está bem. Entre.

Gonçalo ficou na Quinta das Canas. O proprietário, celibatário cinquentão, dirigia ele próprio a propriedade. Levantava-se cedo, orientava os diversos trabalhos. À noite, embalsava-se e metia-se na cama. Diziam, pelas vizinhanças, que ele procedia assim por viver só. Falava pouco, era temido pela velha criada que havia muito que servia e só de longe em longe saía da casa. Nas rendozinhas, as raparigas cassadeiras desejavam-no para marido, mas pela fortuna que pela idade, era bem de ver, mas ele parecia não dar muito ao casamento.

Gonçalo tornou-se-lhe um elemento imprescindível. Ouvira-o sobre todos os trabalhos agrícolas, dava-lhe funções de feitor, confiava-lhe os serviços de maior responsabilidade. À noite, convidava-o, frequentemente, para uma partida de cartas e a todo o instante temava com ele para que bebesse, também vinho fino, nectar precioso, que as vadeiras da Quinta das Canas davam prodigamente. Sóbrio, o velho trabalhador ratas vezes bebia. No mais, obedecia-lhe com todo o prazer, evitando contrariá-lo fosse no que fosse pois patrão melhor, tirante o feitor, não pederia ele encontrar.

A vida passava para Gonçalo com relativa tranquilidade de espírito. Continuava ainda a trabalhar, sempre a trabalhar, cansando os músculos no amanho da terra, pois outro curso não havia ele recebido de seu pai. Dava-se por satisfeito, contudo. O sr. Mirandela, o patrão, era muito seu amigo. Quando saía para alguma feitor trazia-lhe sempre na volta qualquer prenda, coisas de vestir em especial, que lhe faziam muito bem arranjar.

Por vezes, recordava S. Martinho de Muuros e recordava a filha que os seus fados haviam amarrado à roda do fado. Bem poderia ter casado co-

mo as outras raparigas da sua idade, ter um marido sério e trabalhador, ter filhos, em suma, levar uma vida honesta e ser feliz. Mas, quando nela passava, agora, a dor de saber perdida, que tanto o havia atormentado nos primeiros tempos cedia lugar a uma triste resignação. Que havia ele de fazer senão submeter-se ao cruel destino? O pior era para ela, que vivia afofada no lodo da desonra...

Gonçalo fazia as suas obrigações e, à medida que o tempo passava, ganhava maior estima da parte do sr. Mirandela. Em Setembro na véspera da festa dos Remédios, o patrão falou-lhe da tenção de comprar um novo cavalo que, o que tinha, havia anos, já pedia mais palha que cavaleiro.

— Vou a Lamego, Gonçalo. Se quiseres, vem daí comigo. No regresso, virás montado no cavalo que eu hei-de comprar.

Declinou o convite, contrafeito. Lamego, a cidade onde a filha era uma perdida como tantos, metia-lhe medo. Não queria por nada deste mundo ver com os seus próprios olhos a sua Mercedes no declive da perdição...

Três dias depois, o sr. Mirandela voltou da cidade. Era de noite, já a hora adiantada. Gonçalo esperava o patrão, como cão fiel. Ao ouvir bater ao portão, correu a abrir. O sr. Mirandela vinha acompanhado de uma mulher, que montava no cavalo que ele havia comprado na cidade. Gonçalo levantou o lampião e, com enorme espanto que o deixou todo gelado, reconheceu a sua própria filha. Seria possível, não se teria enganado? O patrão disse-lhe:

— Anda, Gonçalo, cumprimenta a tua patrão...

O velho arregalou os olhos. Estaria a sonhar? Teria ouvido bem?

Mercedes, que também o havia reconhecido, voltou uma gargalhada e perguntou:

— Então, já não me conhece, pai?

O sr. Mirandela, passando o pri-

meiro instante de surpresa, achou graça ao acaso que lhe fazia descobrir aquele parentesco. Havia encontrado Mercedes numa taberna, com outras da sua igualha, entre felantes e tinha-se agraçado do seu ar estrevido e simpático. Resolvera, então, quebrar a sua monótona vida de celibatário, trazendo-a consigo.

Gonçalo tomou um ar sério:

— Patão, faça-me contas que me vou embora agora mesmo?

— Hein? Perdeste o juízo, Gonçalo?

A filha, também surpreendida, sem compreender os pruridos merais do progenitor, interrogou por seu turno:

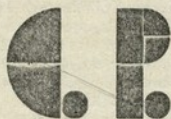
— Então, o pai não está contente por me voltar a ver? Não quer ficar connosco?

— Não! — respondeu o velho com voz rouca e colérica. — Não, já disse! Eu ainda tenho vergonha na cara!

Seja prático

e económico

viaje na



Informações:

em todas as estações da C. P.
em Lisboa: — no Serv. do
Tráfego — Telef. 2 4031
no Porto: — na estação de
S. Bento — Telef. 1 722

ESTOMAGO ACIDO?

Não é muito bom sinal!
Mas se tomar duas Rennie's
Vai-se embora todo o mal!



UMA DOR

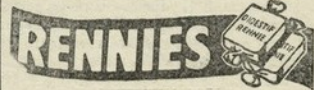
Quando se sentir doído pela acidez do estômago, não precisará de misturar um remédio na água. Precisar, sim, de qualquer coisa mais rápida e melhor. Precisar de Rennie's.

As Rennie's são embrulhadas, separadamente, para as poder trazer sempre consigo, esteja onde estiver. Poderá tomar duas, assim que o seu estômago der sinal de existir. Basta chupar uma de cada vez, como se fossem rebuçados dentro de dois minutos, o excesso de ácido terá sido neutralizado. A sua indigestão terá desaparecido! As dores foram-se. O estômago sente-se reconfortado. O apetite volta.

Rennie compõe-se de 15 ingredientes que auxiliam a digestão e neutralizam, rapidamente, o excesso de ácido.

Compre um pacote de Rennie's ainda hoje, na sua farmácia. Leve consigo algumas, na algibeira do colete ou na malinha de mão.

UM SORRISO



Com NIVEA

ao ar e ao sol!

As crianças antes de se exporem ao sol na praia devem ser cuidadas com Creme Nivea ou Oleo Nivea. Friccionando o corpo em seco com Nivea a pele adquire um tom moreno, fica macia e defendida das queimaduras de sol. Nivea produz efeitos refrescantes.



Preço desde 6\$00

Pestana, Branco & Fernandes, Lda.
39, Rua Sapateiros, Lisboa



JUVENTUDE HITLERIANA

(Continuação da página 2)

anos antes de Hitler subir ao Poder, quando os «arrebentas» da S. A. eram trazidos perante os tribunais por motivo de algum espancamento mais selvático do que o habitual, coisa em que eram exímios, estes rapazes assistiam aos julgamentos, conforme as instruções do Chefe da A' rea, porque esses julgamentos serviam de valiosíssima propaganda para o Partido.

A sua arrogância foi crescendo com os anos. Vi rapazes de quinze anos a percorrer as ruas estabelecendo piquetes junto das lojas pertencentes ou administradas por judeus, colando avisos nas janelas: «Judisches Geschäft», e afirmando outros nas portas dos restaurantes em que se lia «Juden sind nicht erwünscht» (não são admitidos judeus).

Fazem-se juramentos solenes

Nos seus conflitos com comunistas e judeus morreram alguns. Tiveram entêrros espectaculosos. Iam bandas a tocar à frente de formaturas da Juventude Hitleriana, masculina e feminina, devidamente uniformizada. Ruidosos, carrancudos e arrogantes marchavam os homens da S. A. enquanto o corpo de «élite», a S. S. de dolman negro, seguia hirta e implacável. Croas gigantescas, ostentando largas fitas com dois metros de comprido e ornadas de suásticas negras sobre círculos brancos, eram colocadas sobre as campas. «Sieg Heil! Sieg Heil!» gritavam eles, entoando, em seguida, um canto solene «Deutschland Muss Leben, und wenn wir sterben müssen!» (a Alemanha tem que viver ainda que tenhamos que morrer!) e faziam juramentos, que deviam considerar sagrados, de vingar mil vezes a morte dos seus amigos.

A partir de 1933, começaram a cumprir esses juramentos: Dachau, Belsen, Sachsenhausen, Oranienburg, Buchenwald, a maior caça ao homem de que reza a história. Soltaram-se os cães de fila de Hitler.

Convém aqui fazer uma pausa e reflectir. Como se sabe, as autoridades americanas obrigaram o burgomestre, alguns funcionários e parte das populações das cidades próximas a ir contemplar o resultado das atrocidades que tinham sido cometidas num dos campos de concentração. A intenção era sem dúvida boa. Os americanos esperavam provavelmente, incutir algum sentimento de vergonha a estes visitantes forçados. Teriam eles, porém, o direito de esperar que tal se desse?

Anos seguidos da propaganda mais torpe tinham-lhes envenenado a espírito. Os alemães não tinham a menor simpatia pelos internados daqueles campos. Tinham prazer em que eles fossem torturados. Nalguns campos mais «requin-

tados» tinham em conta de privilégio e honra serem autorizados a observar, por óculos abertos na porta das células, as torturas infligidas aos internados. E' preciso recordar que, durante anos, lhes contaram histórias de torpesas cometidas pelos judeus. Mostravam-lhes «provas», em que acreditaram, dos ritos anti-cristãos dos judeus. Nada havia demasiado ridículo para ser publicado e aceitado. Alguns dos folhetos, em comparação com os quais «Der Stürmer» de Streicher parece inócuo, eram tão grotescos e tão absurdos que qualquer pessoa os deixaria fora com nojo. Mas não os alemães. Esses liam-nos e acreditavam em tudo quanto nêles vinha. Enchiam-lhes o coração a raiva e o ódio. Esta gente, pensavam eles, tem que ser exterminada. Não são creaturas humanas.

As preleções e conferências feitas por funcionários do Partido não era obra ao acaso. Faziam-nas duas vezes por semana a grupos que as discutiam depois. Os assuntos eram cuidadosamente escolhidos e engrenavam num programa oficial. Citavam-se como única vantagem que possuíam, os defeitos da civilização de outros países. Os defeitos, esses eram inventados. Exibiam-se documentários cinematográficos de bairros pobres, apresentando-os como moradias normais. Era proibido aos alemães viajar no estrangeiro e averiguar a verdade com os seus próprios olhos visto que não se lhes permitia sair do país levando mais de 16 xelins. Não dificultavam, porém, visitas à Inglaterra porque o Partido esperava que a Inglaterra se conservasse pacífica durante muito tempo. De mais a mais, todas as informações que os jovens alemães trouxessem eram úteis ao Partido, assim como seria prestável o pequeno exército de políglotas quando alvorecesse *Der Tag* (O Dia) e Ribbentrop executasse a sua ameaça de chicotear, nos seus salões, as senhoras da nossa melhor sociedade.

Educação sistemática

Como raça, o alemão é crédulo. Têm-me espantado os abismos da sua credulidade. Começaram por convencer-se de que os checos, os polacos e outras nacionalidades eram sub-gente e, como tal, própria para trabalho experimental, graças ao qual se viesse a produzir uma raça de dominadores. As doutrinas eram aceites por todos. Viria a ser um império germânico, o maior império que o mundo já mais conheceria e que devia durar mil anos. Um cidadão de Berlim viria a ter a mesma categoria que um cidadão de Roma no tempo dos Césares. Cidadão de uma cidade nada despresível! Em qualquer parte do mundo em que



ocupasse um cargo, era a Berlim que teria de prestar contas. E o *anus mirabilis* de 1940 permitia-lhe a realização desses sonhos.

E' este o problema medonho com que temos de arrostar. E' preciso patentear ao mundo a sua gravidade. Os cientistas alemães já estão a elaborar os seus planos. Mesmo que seja pequena a sua esperança de ver executados os seus próprios planos diabólicos deixá-los-ão à guarda da Mãe-Pátria como um dever sagrado que sentem dever-lhe.

«Na hora mais negra da Alemanha», reza a lenda, Frederico Barba Rôxa despertará do seu sono encantado onde jaz numa caverna dos Alpes bárbaros e, reunindo os seus cavaleiros, desfraldará o estandarte da Alemanha, descendo e restaurando-a à idade áurea da vitória e da prosperidade». Hitler construiu a sua casa onde se imagina existir essa caverna. Berchtesgarden foi o túmulo de Frederico Barba Rôxa. Hitler apareceu com a reencarnação do imperador medieval.

Desenvolvimento tolhido

Comparada connosco, é bom recordar, a Alemanha está atrasada duzentos anos. Sustou-se o seu progresso em consequência da guerra dos trinta anos (1618-1648) aquela guerra terrível que assolou as suas terras. Levou-lhes dois séculos a restabelecer-se dos golpes devastadores que então recebeu. De então para cá, o seu progresso foi lento e penoso e tateou o seu caminho até que a vitória fulminante do «Bismarck» sobre a França, em 1871, proclamou o império germânico no Palácio de Versailles pela boca de um exército invasor.

Até ao fim do século XX, todos os países vencidos

A Lloyd's de Londres

(Continuação da pág. 21)

transformaram-se num serviço regular e tomaram maior desenvolvimento para incluírem notícias avidamente procuradas, a saber: nomes de navios e dos seus capitães, chegadas e partidas, câmbios, estado do vento, maré cheia na ponte de Londres. Os seguradores conseguiram obter uma posição oficialmente reconhecida mediante o pagamento de uma cota ao dono do café, que os inscreveu nos seus registos. Criou-se, então, um Registo de Navios, dando indicações sobre o estado de cada um deles, para uso exclusivo dos seguradores.

Por esta época varria o país uma onda de jogatina e, para estabelecer uma contrapartida a este estado de coisas e, para manter a estabilidade, os seguradores do café Lloyd resolveram adoptar uma política de firmeza e absoluta integridade. Em 1769, fechou o velho café e abriu outro em cuja taboleta se lia «NEW LLOYD'S COFFEE HOUSE» e, em 1774, um novo Lloyd's mudou-se para a Bolsa Real onde devia permanecer durante mais de 150 anos: Tomaram-se, então, uma série de medidas administrativas sobre as quais assenta a garantia actual da integridade absoluta da instituição que se acautela, rigorosamente, contra qualquer fraude.

(Continua na pág. seguinte)

transformar-se-lam em raças escravizadas. Reduzir-se-lam as populações. Começou-se a pôr em prática o princípio logo que foi subjugada a França, encarcerando dois milhões de prisioneiros de guerra franceses. Estes homens regressam de novo às suas famílias com a saúde debilitada quando não arruinada pelos sofrimentos friamente premeditados que lhes foram infligidos. Vai levar a França muitos anos para se restabelecer desse golpe mutilante.

Tal era pois o grandioso Projecto e a forma como se foi realizando. Tal é a Raça Dominadora. No verão de 1935, conversava eu com uma senhora de certa idade num café de Desden. Observávamos um destacamento da Juventude Hitleriana a percorrer uma das ruas principais marchando com o seu passo de ganço. Ao passarem pelo café, iam a cantar o hino Harst Wessell. Quando desapareceram ao longe a senhora voltou-se para mim e disse: «Não é verdade que são belos os nossos guerreiros de amanhã? Sabe? Na outra guerra o nosso sangue derramou-se como vinho. Pouco tínhamos que comer. Muita foi a vez que tivemos fome e frio. Os nossos homens morriam como mósas. Eu mesma ajudei a pôr nos nossos feridos ligaduras de papel. Mas (e nesta altura os seus olhos cintilavam) era magnífico! A honra e a glória de tudo aquilo valeu bem todos os sacrifícios que fizemos!»

A Lloyd's de Londres

(Continuação da pág. anterior)

O que é hoje a Lloyd's? A Lloyd's possui uma vasta rede de informações que abrange o mundo inteiro e que lhe fornece os elementos para o noticiário que publica, é um guia marítimo completo ao dispor dos interessados, publica informações sobre acções litigiosas comerciais, sobre os mercados monetários e de mercadorias, sobre linhas aéreas, sobre comércio dos óleos combustíveis e sobre armazenagem com e sem instalações frigoríficas. E' de cerca de 1.800 o número dos seus agentes espalhados por todo o mundo. A Lloyd's criou o Código de Sinais de Pedido de Socorro, melhorou as condições de segurança a bordo dos navios, instalou postos de sinalização e de socorros a naufragos — o núcleo do que é hoje a Instituição Nacional de Socorros a Naufragos. Embora o seguro marítimo seja o negócio mais importante da Lloyd's, não é o único, pois aceita agora quasi todas as espécies de riscos. Um cantor pode segurar a sua laringe e o agricultor as suas colheitas. Aceita também seguros contra acidentes de todas as espécies em toda a parte do mundo. O prédio onde está instalada a Lloyd's é tão grande que só há um que o exceda, o do Banco de Inglaterra, e inclui uma organização completa de impressão para as publicações relativas aos seus variados negócios.

Nos seus escritórios sobrevive a tradição. No belo prédio onde estão instalados, as secretárias estão dispostas à semelhança dos bancos e mesas de um café; o continuo, fardado de vermelho e oiro, ainda é para todos os efeitos «o criador»; o famoso sino «lutins» ainda toca para anunciar o naufrágio de um navio. Cada naufrágio é registado à mão num enorme livro encadernado, de cabedal.

A Lloyd's tem muitos serviços a prestar no futuro, que se apresenta difícil. Uma instituição com relações mundiais e de que todo o mundo se serve, erguida sobre alicerces sólidos, possuindo experiência comprovada, integridade absoluta e uma administração que se adapta a fazer face a qualquer nova necessidade imaginável, deve contribuir poderosamente para promover a estabilidade nas relações comerciais do mundo todo, depois do choque da guerra.

Seja prático e económico

viaje na

C. P.

Informações: — em todas as estações da C. P. — em Lisboa: — no Serv. do Tráfego — Telef. 2 4031 — no Porto: — na estação de S. Bento — Telef. 1 732



As actrizes inglesas divertem os soldados

A LEGIAO DA LIBERDADE

(Continuação da página 10)

converteu a sua luz nas notas marciais de um terno de clarins. As estatuas da velha cidade como que arrancaram as coroas de bronze, arremecendo as ás balonetas dos soldados brasileiros.

Quasi todas, afinal, pertencem à história do vosso país maravilhoso. Lá em cima, envoltos nas dobras de uma bandeira, Pedro Alvares Cabral, abraçando a terra reivindicada ao mistério oceânico; na Avenida, o obelisco da Pátria restaurada, quebrando as grilhetas opressivas, que libertaram também o Brasil; depois, no Rossio, D. Pedro IV que vos talhou maior, deixando escrito através dos elos da raça, a hora sagrada da independência. Passastes, bravos terços de infantaria brasileira, entre uma tempestade de aço de aplausos, agulhas altaneiras que transpuzestes todas as montanhas e cruzastes todos os rios dos Apeninos, cobertos de cicatrizes, queimados de pólvora, constelados de condecorações!

Calados, triunfais de emoção, em filas espessas, esses homens de cimento que não tiveram medo da metralha, vergaram o peito ao péz das aclamações. As suas insígnias como que davam um novo brilho ao sol e a sua bandeira, lábaro de guerra feito de um punhado de estrelas arrancado ao céu, era, no seu diamantino fulgor, uma coluna de fogo, guiando, através do Atlântico, os povos que souberam combater pela liberdade.

Brasil maravilhoso! Palmas em delírio! Sorrisos fascinantes de mulher! Beijos como flores caindo nas vossas cabeças varonis! Foi com paixão que Lisboa vos estreitou ao peito, pátria morena de carne e heroísmo!

Soldados imperiosos, mas não imperialistas; soldados grandiosos, mas não cesaristas! Palpitavam convosco,

em azas de Vitória, os estandartes que redimiram o bêrço mais glorioso da civilização latina — a Itália.

E eles passavam, passavam, altivos, dignos do dever cumprido, intrépidos, irmãos daquela infantaria portuguesa que em Aljubarrota — lá fluava o bálsamo de Nuno Alvares! — em La Lys, engrandeceu a pátria atlântica, de que Portugal e o Brasil são filhos.

A vossa marcha que começou na Itália, não terminará na América. Abraçará a terra, tal qual a ideia que defendestes, na Europa — derramando o vosso sangue.

A. P.

A SOLUÇÃO DO FOTO-CRIME

JANE comprou um novelo de corda para pendurar a roupa, lavada na tarde da véspera (fig. 2). Mais tarde, foi encontrada enforcada, tendo utilizado um pedaço da corda que comprou (fig. 3). Se se tivesse suicidado, ter-se-ia encontrado uma faca ou qualquer outro instrumento cortante ou na mala ou nas redondezas. A ausência de qualquer coisa com que cortar sugeria ter havido crime. Sendo assim, o inspector ordenou uma autópsia ao cadáver, tendo-se verificado que havia envenenamento. Um exame mais cuidado demonstrou a existência de sinais de rodaz que condiziam perfeitamente com as do automóvel de Bruno. Perante estas provas, e depois de cerrados interrogatórios, Rex Bruno confessou que, ultimamente, havia sérias discussões com a mulher e que concebera a ideia do suicídio para se livrar dela.

COMO FOI DERROTADO O JAPÃO

(Continuação da página 8)

meira guerra mundial», que «todos os territórios roubados pelo Japão aos chineses, tais como a Manchúria, a Formosa e as ilhas dos Pescadores, fossem restituídas à República da China» e que o Japão fosse expulso de todos os outros territórios tomados pela violência. A declaração dizia que a seu tempo a Coreia se tornaria livre e terminava por exigir a «rendição incondicional do Japão».

Ao mesmo tempo que a ofensiva aérea, terrestre e marítima contra o Japão aumentava de intensidade, Roosevelt e Churchill encontraram-se outra vez em Quebec, em Setembro de 1944. Estabeleceram-se planos para alinhar «forças massivas» contra o Japão, tendo sido determinada a participação britânica na campanha final do Pacífico.

Como aviso supremo ao Japão e esboço do pleno significado de rendição incondicional, surgiu o ultimatum enviado em 26 de Julho, de Potsdam, pelos Estados Unidos, China e Grã-Bretanha. Era oferecida ao Japão a oportunidade de terminar a guerra pela aceitação da rendição incondicional, ou a alternativa da «destruição inevitável e completa das forças armadas japonesas» e da devastação da pátria nipônica.

As cláusulas da rendição incondicional incluíam, sem possibilidade de alteração o seguinte: ocupação aliada de certos pontos do território japonês, para garantir a realização dos objectivos fundamentais da paz e segurança; limitações da soberania japonesa em conformidade com a declaração do Cairo; desarmamento completo das forças militares japonesas; aplicação de justiça severa aos criminosos de guerra; eliminação pelo governo japonês de todos os obstáculos ao renascimento e consolidação das tendências democráticas existentes entre o povo japonês e estabelecimento de liberdade de expressão, de culto e pensamento bem como a instituição do respeito pelos direitos fundamentais da Humanidade.

O Presidente Truman, ao dirigir-se pela rádio ao povo americano, em 9 de Agosto, disse que as disposições tomadas em Berlim eram, evidentemente, secretas, mas que «um desses segredos foi revelado ontem com a declaração de guerra ao Japão feita pela União Soviética». Regosijou-se com a participação «do nosso bravo e vitorioso aliado contra os nazis na luta contra o último agressor do Eixo».

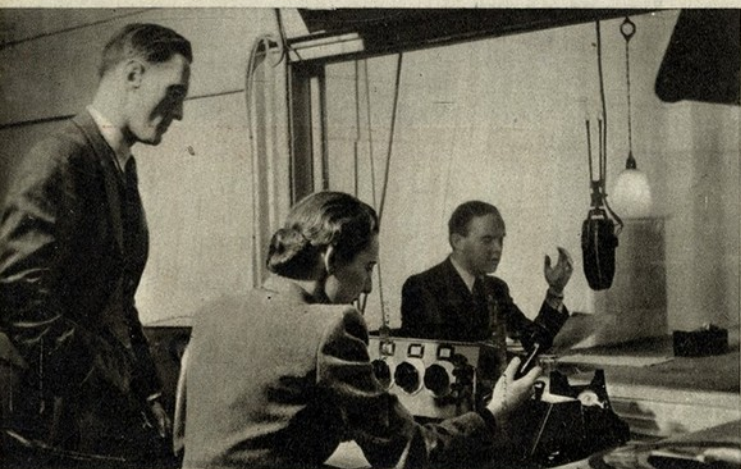
A entrada da Rússia veio aumentar a força irresistível de que já se dispunha. E antes da derrota final do Japão, os representantes de cinquenta Nações Unidas tinham formulado e assinado a Carta das Nações Unidas — para o estabelecimento duma organização de segurança mundial para protecção da paz.



Uma conferência sobre programas para o Serviço Europeu da B. B. C.



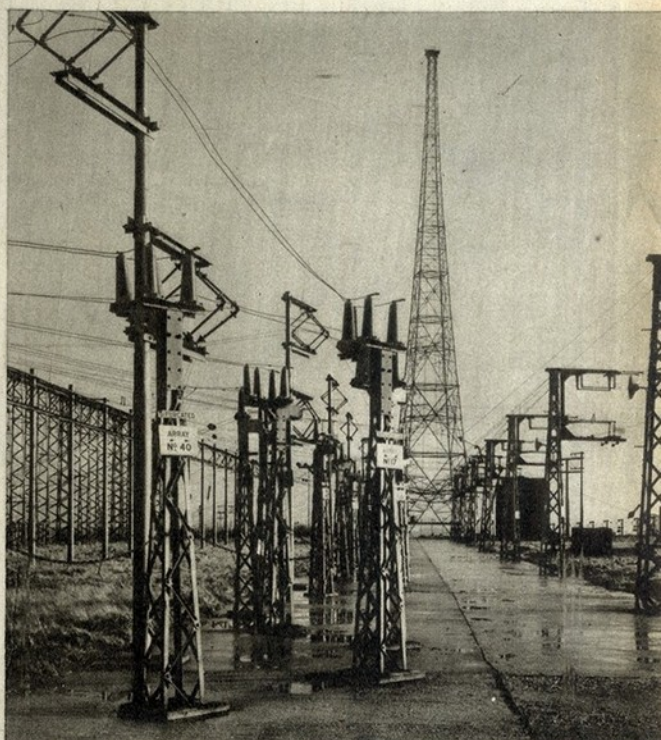
O último ensaio de um programa para a Europa



O noticiário em inglês vai para o ar

A B. B. C. FALA E O MUNDO ACREDITA

O Serviço europeu da B. B. C. trouxe coragem e esperança aos países flagelados pela guerra. Em tempo de paz, continua a transmitir noticiários, palestras, actualidades, e programas de música para os numerosos ouvintes de tôdas as nacionalidades



Um emissor da B. B. C.



**UM SOLDADO AUSTRALIANO
SALVOU DA FOME ÊSTE
CHINESINHO**

**MUNDO
GRÁFICO**